



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

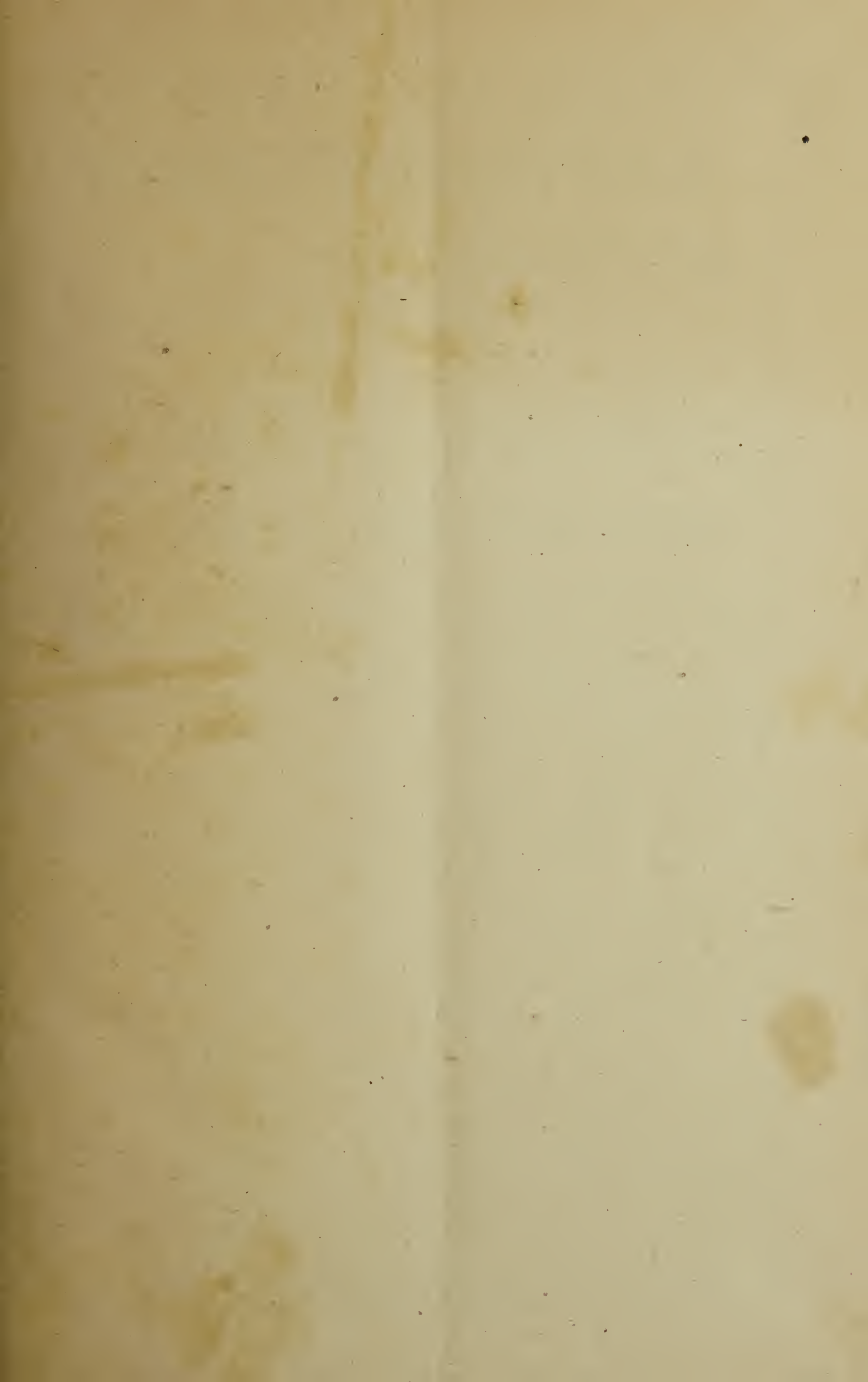
LIBRARY OF PRINCETON

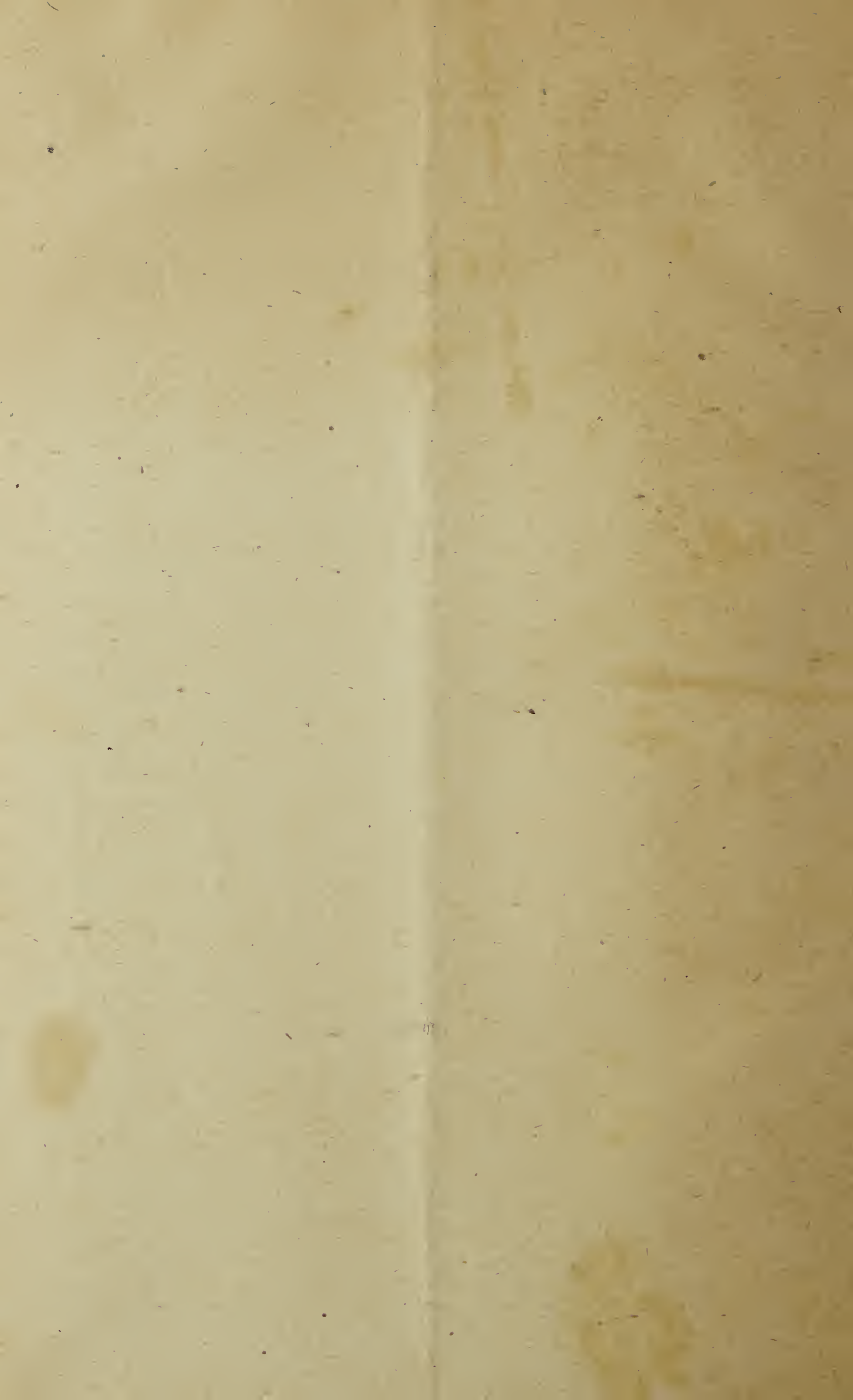
NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Nosso Aniversário	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Pontos de Vista	<i>Leopoldo Machado</i>
Samuel Hahnemann e sua Doutrina	<i>Dr. Lauro de S. Thiago</i>
Trinta Anos Entre os Mortos . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Os Acontecimentos do Fim	<i>J. B. Chagas</i>
Fenômenos de Materialização . . .	<i>Amadeu Santos</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbár Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O NOSSO ANIVERSÁRIO



NAIS uma etapa acaba de vencer esta Revista na sua longa caminhada, ao ver transcorrer hoje o vigésimo terceiro aniversário de sua fundação.

Fazendo um balanço geral do trabalho realizado no campo da difusão da Doutrina e dos estudos dos factos relacionados com a sobrevivência individual durante vinte e três anos, sentimo-nos encorajados, largamente recompensados e decididos a prosseguir na tarefa em face do progresso do Espiritismo em todos os meios sociais.

Pobres e ricos, ignaros e sábios, senhores e servos, soldados e generais, pretos e brancos, pondo de lado os preconceitos sociais e raciais, unem-se fraternalmente, como pedras de um mesmo alicerce, no grande, impetuoso movimento de espiritualização presidido pelo Paracleto da Promessa do Cristo de Deus.

No ano que findou, o movimento espírita foi realmente notável, principalmente no tocante à união dos espíritas. Na capital paulista realizou-se o Congresso da União Social Espírita, que visa a união dos espíritas com a ampliação do intercâmbio espiritual em bases mais sólidas e a reorganização dos métodos até aqui

empregados na difusão, estudo e prática da Doutrina no seu triplice aspecto : científico, filosófico e religioso.

Estamos plenamente de acôrdo com tudo o que vise impulsionar a difusão da Doutrina, esclarecer, orientar e estimular os espíritas, dos quais depende, é claro, o êxito dos trabalhos. Porisso que não devemos ficar à margem dos movimentos como espectadores passivos ou como célula atrofiada. Contribuimos com a nossa pedrinha, e com a melhor boa vontade, certos de que cumprimos o nosso dever.

Já participamos de muitos Congressos Espíritas e dos mesmos não vimos resultados apreciáveis, mas não lastimamos o facto, porque as sementes lançadas, mais hoje ou mais amanhã germinarão e hão de produzir os frutos esperados.

Estamos porém convencidos de que os resultados imediatos de qualquer movimento espírita estão condicionados ao espírito de humildade e compreensão dos seus orientadores, que devem colocar acima do personalismo, que é fruto do orgulho, os interesses da Doutrina, certos de que ninguém póde servir a Deus sem espírito de renúncia, a exemplo do nosso único Mestre — Jesus Cristo, que afirmou não ter vindo para ser servido, mas sim para servir. E isto Éle

confirmou quando lavou os pés aos seus discípulos.

Outro movimento, e para nós o mais importante, que teve um impulso quasi que impressionante pela sua magnitude, é o da arregimentação da juventude ou mocidade espírita, liderado pelo incansável batalhador Prof. Leopoldo Machado. Os resultados dêste movimento são imediatos, precisamente porque entre os jovens ou moços ha mais humildade, mais fraternidade e menos personalismo.

Sendo o Espiritismo obra de renovação pela educação evangélica, acreditamos que os jovens realizarão aquilo que Jesus anunciou: «E será pregado êste Evangelho por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim». Êsse «fim» é a vitória alcançada pelo homem sôbre os seus maiores inimigos: o orgulho, a vaidade, o egoísmo, as baixas ambições e os vícios. É o homem velho que desaparece e o homem novo que surge com a alva túnica do amor fraterno ensinado e exemplificado por Jesus.

Com relação ao que ocorre no mundo, que já se transformou numa autêntica Torre de Babel, estamos firmes no nosso otimismo: as profecias cumprem-se à risca. Por isso não te-

memos os acontecimentos que vão se desenrolar num futuro próximo. Só depois dêstes acontecimentos, que terminarão com o estabelecimento do império do espírito, é que os homens celebrarão o advento da verdadeira paz, realizando em pouco tempo o que não conseguiram realizar em milênios.

Ao registrar a passagem do nosso 23.º aniversário, não podemos deixar de mencionar o nome do seu fundador, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel que, embora do outro lado da vida, nos vem prestando o seu apôio decisivo na obra que nos é comum. Dêle temos recebido inequívocas provas do seu auxílio, da sua dedicação, reconhecendo que não somos dignos de tantas dádivas celestiais.

A êsse Espírito amigo, e aos demais Espíritos que sempre nos têm assistido com o calor vivificante da sua presença e das suas sempre oportunas intuições, aos nossos prezados assinantes, colaboradores, auxiliares e representantes, os nossos mais profundos agradecimentos pela sua preciosa e eficiente colaboração.

Que Deus a todos proporcione mais luzes e maiores possibilidades na interminável estrada da vida.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XIV Segunda Vista

Como se sabe, o dom da segunda vista, é muito espalhado em certas partes, como na Escócia e Dinamarca, por exemplo. Tem-se notado que os que possuem a segunda vista, têm um olhar penetrante, como se dá com a Sra. Hauffe, quando ela vê os espíritos ou o seu próprio duplo. No momento em que o fenômeno se produz, o corpo do vidente torna-se rígido, as palpebras ficam largamente abertas e êle permanece surdo e cego a

tudo que o cerca, como acontece com a Sra. Hauffe. Se o vidente, na ocasião do fenômeno, toca outra pessoa ou um animal, tal pessoa ou animal, pôde ficar igualmente sujeito ao mesmo. Um cavalo cobre-se de suor e recusa avançar no instante em que o seu cavaleiro tem uma visão; vezes mesmo acontece que cavalos percebem coisas que escapam a seu cavaleiro. Muitas vezes também cavalos têm experimentado profunda perturbação, no momento em que passavam por lugar em que havia um corpo enterrado.

Em 1823, construía-se uma estrebaria

no castelo de Schmiedfeld e o primeiro cavalo que ali se colocou deu mostras da maior tristeza; mais tarde descobriu-se um esqueleto naquêlê lugar. Na Escócia muitos pensam que o dom seja hereditário, mas nem sempre tal acontece. Cita-se o notável exemplo do dom de segunda vista da esposa de um ministro de Nienberg, a qual herdára de seu próprio pai.

A 13 de Janeiro de 1827, a Sra. Hauffe, tendo sido tomada de contrações numa ocasião inhabitual, esforcei-me para que revelasse a causa daquêlê incidente. Desde que caiu em sonambulismo, disse-me que via um caixão, em que estava deitada uma pessoa que lhe era muito cara: seu próprio irmão, a que um grande perigo ameaçava. Êle devia ser ferido a 18 daquêlê mês; ela indicou o meio de evitar o perigo e descreveu o assassino. Aconteceu tal qual ela previra, mas o tiro não o atingiu. Algum tempo mais, teve outro sonho a propósito dêsse irmão: várias vezes viu uma raposa durante seu sono magnético e ficou com a idéia de que, caçando o animal, ficaria em perigo devido a carga do seu fuzil. Seu irmão foi avisado, examinou a arma e verificou que u'a mão inimiga a carregára até a bôca e pôde assim evitar o perigo. Póde-se admitir que ela estivesse em estreita relação com o irmão, que muitas vezes a magnetizára.

A 8 de maio, ás sete horas da manhã, ela pediu à sua irmã que não se aproximasse de seu leito, porque sentia a aproximação de algo de invisível. Havia uma hora que estava sob tal impressão, quando, almoçando, viu o filho, que perdera, alocar-se perto de seu leito e, ao lado dêlê, seu filho, ainda vivo, que se achava então longe dali. O morto olhava o vivo com insistência e o apontava com o dedo. Êste último tinha na mão um alfinete que levava à bôca. As crianças pareciam tão nítidas e tão reais, que ela estendeu a mão para tomar-lhe o alfinete. Então exclamou: «Em nome de Deus! Que quer isto dizer?» E logo a

visão desapareceu. O filho, que morrera aos nove meses, parecia ter agora três anos, idade que teria se estivesse vivo, mas parecia brilhante e transparente. O aspecto de ambos era estranho, algo impossível de se descrever. Essa visão a afetou profundamente e ela se pôs a chorar. Disse em seguida, que daí a sete dias, a criança deveria engulir um alfinete e morrer dêlê, mas que os parentes, em casa dos quais se encontrava, deveriam livrá-lo daquêlê perigo. Foi o que aconteceu, eles escreveram que, examinando a criança, encontraram um alfinete debaixo de sua manga e o tinham retirado.

Durante os três dias seguidos, que precederam a morte de seu pai, em dado momento em que não se havia ainda recebido notícia de sua enfermidade, estando ela em estado de vigília, viu perto de sua cama um esquife coberto de um velório no qual se desenhava uma cruz branca. Ela ficou vivamente impressionada com tal visão e disse que temia seu progenitor estivesse morto ou enfêrmo. Procurei acalmá-la, dizendo poder se tratar de uma outra pessoa. Não sabia como interpretar a aparição do caixão fechado, porque, até aquela ocasião, vira os caixões com a figura da pessoa, que devia morrer, *deitada* dentro, ou então com a figura da pessoa que devia estar enfêrma, olhando para o interior dêlê. A 2 de maio, pela manhã, chegou a notícia da doença de seu pai, que morreu à tarde do mesmo dia. Durante todo seu sono, esteve muito ansiosa e nos fez compreender que via algo de penoso, que não queria contar, para que não lho recordasse ao despertar. No dia seguinte chegava a notícia do desenlace.

Três vezes, estando acordada, viu sua sogra olhar para um esquife. Sete dias após, essa senhora caiu enfêrma, mas se restabeleceu. Quando a Sra. Hauffe vê o fantasma de uma pessoa, estendida morta num caixão, isto anuncia morte próxima; se o fantasma parece vivo, é uma grave doença que se prediz.

Os que morrem dizem aos que ficam: Do que tendes nada é vosso! Os vossos choros o confessam! Para vós, glória e felicidade são palavras lisongeiras. Deus dá aos que morrem os bens reais, os verdadeiros reinos. Vivos! Vós sois fantasmas; nós é que somos os vivos!

===== VITOR HUGO. =====

PONTOS DE VISTA

LEOPOLDO MACHADO

Espíritas Políticos

«Foi grande o número de espíritas que trocaram o centro pelos partidos políticos, pelas células comunistas, «nesta terra que o irmão bem conhece», é um trecho de carta cheia de amargura que recebemos.

Não fomos partidário do *Estado Novo*, embora visse no seu fundador uma necessidade para uma época de nossa vida política.

Reconhecemos que os centros espíritas devem algo ao Estado Novo.

Os centros espíritas e não o Espiritismo.

Com a suspensão dos direitos políticos, houve muita gente, simpática ao Espiritismo, que, não podendo fazer política, foi fazer «espiritismo» nos centros espíritas.

Outros, fundaram «centros», meteram-se nas diretorias de centros.

E' possível que, se o celeberrimo regime do sr. Getulio, demorasse mais, para infelicidade maior do país, essa gente acabasse espírita de facto.

Mas, veio, a seu tempo, a democracia.

Proclamou-se a quarta república e os direitos políticos voltaram.

Aquêles espíritas que entraram para o Espiritismo sem estudos sérios e, certamente, sem convicções seguras, sem que o Espiritismo houvesse entrado, pelo estudo e o sentimento, neles, deixaram, sem mais aquela, a santa política do Cristo, superior e espiritual, pela política dos partidos, preferindo a uma cadeira de diretor espiritual na Espiritualidade, um lugarinho de vereador de roça, de deputado estadual ou até de delegado ou comissário de polícia...

Como nem tudo está perdido, essa gente, além de levar algo que, talvez, contribua para a melhoria de seus pares, serve, ainda, aos olhos dos que preferem Deus a Mamon, para revelar os que são, na verdade, espíritas...

E não é para desesperar, que o Espiritismo não faz questão de quantidade, mas de qualidade. E, a seu tempo, virão

outros, mais firmes e mais coêso, para a Seara que continúa enorme, cujos trabalhadores de bôa vontade lhe vão, à primeira vista, minguando...

* * *

Programas e Juventudes

«Todos os caminhos levam ao Pai».

Todos os programas, se sinceros, podem colimar, dêsse ou daquele modo, resultados apreciáveis.

E desentendimentos na *Seara do Mestre Divino*, sempre houve, desde os primórdios da Igreja do Cristo.

Quem gostar de tiradas evangélicas, de pregar aquilo que está longe de sentir e mais longe, ainda, de praticar; quem desejar ser, já de mocinho, Mestre-em-Israel; para êsse, o programa é excelente.

O nosso programa é para moços de alma jovem e não de alma de ancião. E movimentado, porque exigente de ação, de trabalhos, de campanhas...

Claro que não pode agradar a acomodaticios, a teóricos, a poetas líricos.

Assim, quem tiver temperamento acomodaticio, que fique com o outro programa, que não ha, em o nosso, lugar para tal gente.

O programa de Paulo não era o de Tiago, nem o do Cenáculo de Jerusalem. Póde dizer-se que o Iluminado da Estrada de Demasco nunca se entendeu bem com os apóstolos de Jerusalem.

O exemplo de Paulo conforta-nos, a despeito de estarmos muito longe do grande Apóstolo.

Mas, não existe nenhuma instituição espírita, federações ou ligas, confraternizações ou confederações, que se compare, também, com o Cenáculo de Jerusalem.

E, na Historia do Cristianismo, tanto ficaram os apóstolos de Jerusalem com Tiago e Pedro à frente, como Paulo de Tarso.

Assim, a quem interessar a questão, que passe em revista os dois programas, e prefira o que melhor lhe soar, que «todos os caminhos levam ao Pai».

* * *

Vigilância e Oração

«Oramos todas as manhãs em conjunto. E fazemos, duas vezes por semana, o culto doméstico. Como e porque espíritos atrasados ainda perturbam o meu lar?»

Para nós, não basta orar sómente, embora sejamos partidário da prece.

A vigilância é indispensável à prece.

Daí, o Cristo recomendar «vigiar e orar para não cair em tentação».

Vigiar em primeiro lugar. Nós, porém, empregamos a recomendação invertida: *Orai e Vigiai*. E', na verdade, mais fácil orar do que vigiar.

Será êste o caso em questão?

Nêste caso, vale considerar que é incalculável o número de espíritos perturbados, atrasados e sofredores, que andam, como ondas espirituais perdidas à cata de uma antena humana, bôa. Encontrando-a, aí se ficam, pedindo, para receberem, coitados! algo que os alivie. Se forem para os lares católicos e protestantes, como serão recebidos, os coitadinhos? Como demônios soltos, diabos, que para a igreja dos papas e de Lutero, *spiritus que vadis non redit*...

Além disso, os *diabinhos côxos*, que têm interêsse formal em atrapalhar, ferir e perturbar os espíritas e os meios que vigiam menos?

Êste, o nosso ponto de vista.

* * *

Casamento Religioso

«Sendo uma simples formalidade o casamento religioso para o espírita, e objeto de fundamental interêsse para o católico, entendo que o espírita não erra, se ceder ao interêsse do cônjuge católico, na prática de uma simples formalidade. Qual sua opinião?»

Êste, o trecho mais significativo da carta do espírita resolvido a ouvir o «cônjuge vobis» do reverendo.

Nós já nos vimos, também, metido numa situação assim, diante de uma carta muito bem escrita, muito chorosa, cheia de razões mais fortes, da mãe daquela que teria de ser minha esposa.

Logicamos assim, respondendo:

— O espírita não é homem de formalidades.

Além do mais, antes de firmarmos o

noivado, havíamos dito à noiva que não iríamos ao padre, por sermos espírita, porque seria uma traição à Doutrina que, sinceramente, professavamos ha anos. De resto, para nós, o casamento de Deus não é o do Padre. Precede o casamento dos homens e é o quimismo espiritual que se operou entre os cônjuges. E' a amizade e o respeito mutuo, a atração natural de um para o outro, o amor, em suma, que deve existir entre ambos, antes mesmo que exista o desejo da vida em comum, como marido e mulher.

Ora, se fossemos ceder a pedidos em contrário daquilo que determinámos, seria até para a noiva, se fôr psicóloga, desconfiar, pensando assim: «Êle disse que, se casasse na igreja, seria trair sua Doutrina. Contudo, casou por simples formalidade, cedendo a uma carta. Amanhã, aparecendo outra mais jovem e mais bela, com encantos que eu não possúo, poderá, também, trair a esposa, é claro...»

E não fomos ao *conjugo vobis* do vigário, embora não tivéssemos, ainda, a projeção que temos, hoje, no meio espírita.

De resto, quem começa cedendo assim à noiva, por simples formalidades ou convenções sociais, perderá a autoridade para, de futuro, exigir algo.

Aquí vai o facto concreto, sôbre o caso.

Alan Kardec Pinto de Campos, professor e grande amigo, pregador da Doutrina, casou-se. E não teve forças para evitar a formalidade. Estavamos em Paraíba do Sul. Foi até lá participar-nos seu casamento.

— Mas, você, Alan, com êste nome, com esta projeção na Doutrina, com a educação espirítica que teve, vai casar-se na Igreja?!

— Uma simples formalidade. Cedo a ela para gozar, depois, do direito de exigir à esposa, que hei de arrastar à Doutrina — disse, justificando-se.

Duvidamos, argumentando como acima está.

Menos de três anos depois, encontramos-nos no Rio. Êle, pálido e triste, acabrunhadissimo. E foi dizendo que estava se desquitando da mulher. Enganárase no casamento. E o que mais lhe doía nalma era, exatamente, o que lhe disseramos: seu casamento na igreja, por simples formalidade social e para satisfazer a

caprichos de uma jovem fútil, talvez, era uma grande traição à Doutrina, de que, um dia, êle talvez se arrependesse.

Desquitou-se, sem lhe caber o direito de ficar com a filhinha, que era seus encantos, sua vida. Parece-nos, até, que os dois casos lhe abreviaram os dias, pois desencarnou logo depois.

Ha coisa de cinco anos, fomos a Guaratinguetá, fazer uma prece a borda de um leito de enfêrmo. Um médium de confiança, d. Luiza Cordeiro, vê, depois da prece, ao nosso lado, um jovem muito triste e muito pálido, chorando muito, querendo dizer-nos algo. Perguntou-lhe, a nosso pedido, o nome. Era o Alan Kardec. Deu todas as provas de sua identificação. Queria falar-nos, para um desafo de consciência. Incorporado, disse em

lágrimas as consequências de sua fraqueza, cedendo aos caprichos de uma leviana e traindo suas convicções doutrinárias. Foi na Espiritualidade que seu ato repercutiu com mais escândalo. E terminou, o espírito amigo, aos soluços: «Ah! meu amigo: Deus que te conserve sempre firme e sincero nas tuas convicções. Que nunca atravesse teu espírito a idéia, siquer, de uma fraqueza que possa contribuir para ferir o teu patrimônio moral-espiritual, para que venhas, depois, amargar, aquí, na Espiritualidade, aquilo que eu estou amargando hoje».

Foi uma coisa assim, quanto ao fundo, que ouvimos do espírito, que aquí deixamos para a análise e o raciocínio dos que já têm inteligência de compreender suas responsabilidades doutrinárias.

Samuel Hahnemann e sua Doutrina

(Conferência realizada pelo Dr. Lauro de S. Thiago, em 20-8-947, na Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro).

Christiano Frederico Samuel Hahnemann foi o sábio fundador da Homeopatia. Nasceu na Alemanha, na cidade de Meissen (1755) e faleceu em Paris (1843) na idade de 88 anos, depois de uma vida toda devotada a interrogar a natureza, em busca de meios para restituir a saude ao homem enfêrmo.

Dotado de invulgar inteligência, notada desde logo pelos seus mestres em todos os graus do ensino, pôde fazer, com facilidade, uma elevada cultura. Teve, porém, de lutar com as maiores dificuldades materiais e econômicas, como estudante e, de cada duas noites, dormia apenas uma, traduzindo livros estrangeiros, meio pelo qual conseguia os proventos para garantir a própria subsistência e manter-se nos estudos.

Doutorou-se em medicina aos 24 anos de idade, em Erlangen, defendendo publicamente tése inaugural. Entregou-se desde logo ao exercício da clínica em várias cidades da Alemanha. Aos 26 anos casou-se com Joana Leopoldina Henriqueta Küchler, da qual teve onze filhos.

Publicou e traduziu várias obras notáveis de Química e de Medicina e seus trabalhos grangearam-lhe rápidamente re-

nome no mundo sábio da época. Em pouco a Academia de Medicina de Mayence e a Sociedade Econômica de Leipzig abriam-lhe as portas, sucessivamente. Uma vasta clientela lhe permitia auferir proventos que lhe asseguraram uma vida abastada e tranquila. Tal era a situação de Hahnemann, gozando do melhor conceito no meio científico e social em que vivia, quando começaram a assaltar-lhe o espírito dúvidas a respeito do valor da medicina de então, vasia de princípios racionais de cura, em cuja prática prevaleciam as medicações sintomáticas, os drásticos, os eméticos, os diuréticos e anti-térmicos e onde abundavam os vesicatórios, o sedol, a moxa, as sangrias, as pontas de fogo e tantos outros verdadeiros instrumentos de tortura, que mais mal faziam aos enfêrmos, do que bem. Era uma medicina que vivia ao sabor das discussões acadêmicas, de ordem puramente teóricas, esquecida da verdadeira aspiração e missão do médico, que é restituir a saude ao homem enfêrmo.

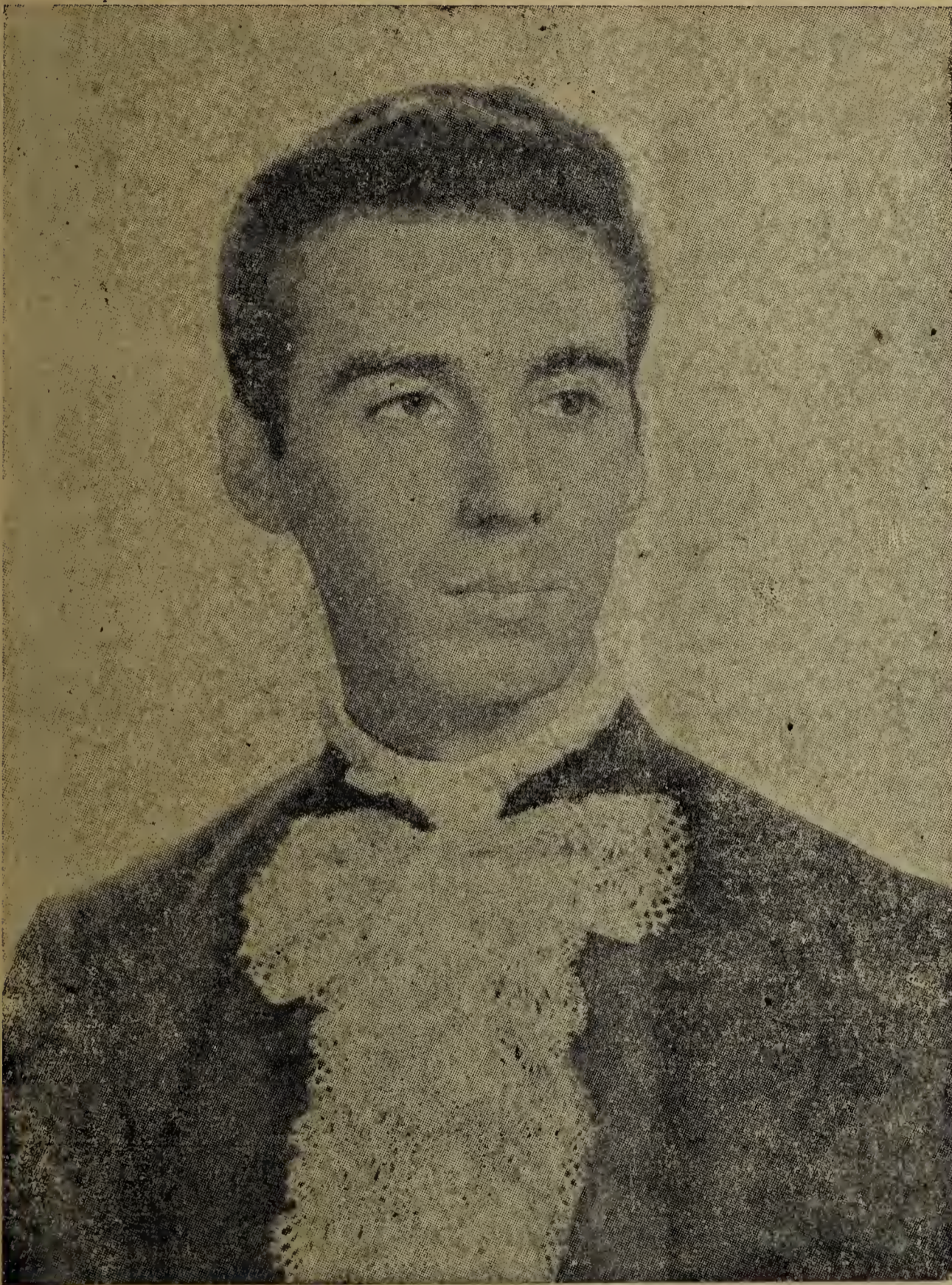
E a tal ponto chegou êste desacôrdo no espírito de Hahnemann que, um belo dia, ante o espanto de sua numero-

sa clientela, êle resolveu abandonar a profissão médica.

Os seguintes trechos da carta que êle escreveu ao Dr. Huffeland, médico de grande renome e seu antigo condiscípulo e amigo, traduzem bem o estado de espírito em que se encontrára Hahnemann, ante as incertezas da medicina:

«Em tórno de mim só encontro tre-

tanto, próprio da medicina, como diversos autores já têm dito, não conseguirmos atingir a um certo grau de certeza. Blasfêmia! Idéia vergonhosa!... A infinita Sabedoria do Espírito que anima o universo não teria podido produzir meios de debelar os sofrimentos causados pelas doenças que êle próprio consentiu viessem afligir os homens?



DR. LAURO DE S. THIAGO

va e deserto. Nenhum confôrto para o meu coração oprimido. Oito anos de prática, exercida com escrupuloso cuidado, fizeram-me conhecer a ausência de valor dos métodos curativos ordinários. Não sei, em virtude da minha triste experiência, o que se deve esperar dos preceitos dos grandes mestres. Talvez seja, entre-

moléstias sob seu verdadeiro ponto de vista e de interrogar aos medicamentos para saber em que caso cada um deles póde ser útil, afim de fornecer um recurso real e preciso?

Renunciarei a todos os sistemas do mundo a admitir tal blasfêmia! Não! Ha um Deus bom, que é a bondade e a pró-

A soberana paternal bondade daquêle que nenhum nome dignamente poderia designar e que largamente provê ás necessidades de animálculos invisíveis, espalhando em profusão a vida e o bem estar em toda a criação, seria capaz de um ato tirânico, não permitindo que o homem, criado à sua semelhança, com o sôpro divino, pudesse encontrar, na imensidade das coisas criadas, meios próprios para desembaraçar seus irmãos de sofrimentos muitas vezes piores do que a própria morte? Êle, o pai de tudo que existe, assistiria impassível ao martírio a que as moléstias condenam as mais queridas de suas criaturas, sem permitir ao gênio do homem, a quem facilitou a possibilidade de perceber e criar, de achar uma maneira fácil e segura de encarar as

pria sabedoria. Deve haver, pois, um meio, criado por Êle, de encarar as moléstias sob seu verdadeiro ponto de vista e curá-las com segurança. Um meio que não esteja oculto nas abstrações sem fim, nas hipóteses, cujas bases não sejam constituídas pela imaginação.

Por que êsse meio já não foi encontrado, ha mais de vinte ou vinte e cinco séculos passados, quando já existiam homens que se diziam médicos? E' porque está muito próximo e é muito fácil. Não há necessidade para a êle chegar nem de brilhantes sofismas, nem de sedutoras hipóteses.

Portanto, como deve haver um meio seguro e certo de curar, tal como há um Deus, o mais sábio e o melhor dos sêres, abandonarei o campo ingrato das explicações ontológicas. Não ouvirei mais as opiniões arbitrarias, embora tenham sido reduzidas a sistemas. Não me inclinarei diante da autoridade de homens célebres! Procurarei onde se deve achar êsse meio que ninguém sonhou, porque é muito simples, porque êle não parece muito sábio, envolvido em corôas para os mestres na arte de construir hipóteses e abstrações escolásticas».

Vê-se revelado nesses trechos o caráter de Hahnemann: espírito independente, amante da Verdade e do Bem, alma profundamente deista, que confiava na Bondade de Deus em quem reconhecia a Divina Providência, a velar solícita por todas as criaturas. Espírito firme, valoroso e heróico, que soube trocar as glórias e o bem estar fácil pelas torturas do abandono, de todo o gênero de privações e até da fome, para não traír aos supremos ditâmes da sua consciência, que se negára a viver dos proventos de uma arte falsa e perigosa, mais prejudicial do que útil.

Eis como o Dr. Galhardo descreve a situação de Hahnemann, depois dêsse seu patético gesto:

«Abandonando o exercício da clínica, passou Hahnemann a colher os meios de subsistência nas traduções de obras, cuja recompensa, malbaratada pelos livreiros, mal chegava para não morrer à fome. Quando estudante na Universidade já se mantinha por meio de traduções. Aí de cada duas noites, dormia apenas uma.

Mas na época de seus novos sofrimentos, os encargos da família o faziam trabalhar dia e noite. Procurou, por isso, no uso do fumo, vencer o sono, afim de

prolongar-se no trabalho noites inteiras.

Paupérrimo, vivendo com sua mulher e seus filhos em um simples quarto, no qual um dos cantos, separado do resto do aposento por uma cortina, era seu gabinete de estudo e de trabalho, sentia-se feliz com sua consciência e com seu caráter. Foi aí, nêssse acanhado e paupérrimo cômodo, em Stötteritz, subúrbio a sudeste de Leipzig, que o primeiro raio de luz de uma lei racional de cura feriu a retina do gênio de Meissen».

Entre as várias obras traduzidas por Hahnemann, do inglês para o alemão, encontra-se a Matéria Médica de William Cullen. Hahnemann não pôde aceitar as idéias de Cullen para explicar a ação curadora da china ou Quinquina, na febre intermitente. Médico de elevada cultura, conhecedor de toda a tradição médica, não ignorava que já Hipócrates, o Pai da Medicina, admitia que os semelhantes se curam pelos semelhantes, pensamento que reaparece na Idade Média com Paracelso e que foi partilhado também por Stahl e outros. Sentiu, então, ante as explicações contraditórias de Cullen, o desejo de experimentar em si próprio os efeitos da china. No 2.º volume de sua tradução, Hahnemann descreve, em uma nota, o resultado do seu experimento: «Tomei 2 vêzes por dia 4 drachmas de pura china (1 drachma equivale a 3 gramas e 24 centigramas). Meus pés, extremidades dos dedos, etc., tornaram-se primeiramente frios; senti-me lânguido e sonolento, enquanto meu coração palpitava; tremia, sem nos acharmos em época de frio; prostração em todo o corpo, em todos os meus membros; pulsações em minha cabeça; vermelhidão de minhas faces; sede e, finalmente, todos êsses sintômas ordinariamente característicos da febre intermitente apareceram-me uns após outros, embora sem o peculiar e rigoso calafrio. Êstes paroxismos duraram 3 a 4 horas de cada vez e reapareciam se eu repetia a dose do mesmo modo. Deixei de tomar a china e voltou-me a boa saúde.

Nesta nota encontra-se, portanto, esboçada a orientação a seguir no experimento dos medicamentos, a *experimentação no homem são*, e é pressentida uma lei terapêutica, isto é, de uma relação clara entre o doente e o seu remédio.

«Eis, continua Hahnemann, na sua nota à Matéria Médica de Cullen, de que maneira eu me embrenhei por esta nova

via: tu deves, pensei, observar a maneira de agir dos medicamentos no organismo do homem quando êle se achar na placidez da saúde. As mudanças que os medicamentos determinarem não serão em vão e devem, certamente, significar alguma coisa. Talvez seja essa a única linguagem pela qual possam exprimir ao observador o fim da sua existência. Submeteu-se Hahnemann a penosos experimentos de violentos venenos. Diversos amigos o auxiliaram nessas experimentações. Chegou assim a reconhecer que cada medicamento apresentava sintomas que caracterizavam a substância experimentada. Estudou vários produtos: vegetais, animais, minerais e de todos concluiu sempre pela infalibilidade da lei terapêutica que pressentira e que em breve formularia, como formulou.

Que lei de cura é essa? E' a lei dos semelhantes — base e fundamento da homeopatia.

Segundo essa lei, induzida da observação e da experiência, dentro do mais rigoroso critério científico positivo, as doenças se curam pelos medicamentos capazes de produzir sintomas semelhantes no homem são.

Um exemplo elucidará essa proposição.

Todos conhecemos o quadro da intoxicação aguda pelo sublimado corrosivo ou bicloreto de mercúrio. Dois aparelhos, sobretudo, são atingidos pela ação tóxica do sublimado: são o aparelho urinário e o aparelho digestivo, individualizando-se, respectivamente, os quadros da nefrose necrótica e o de uma êntero-colite muco hemorrágica. Consideremos, para simplificar, sómente a sua ação sôbre os intestinos e aí verificaremos 3 sintomas cardiais de intoxicação: cólicas intensas, evacuações frequentes muco-sanguinolentas e tenesmo ano-retal. Comparado êsse quadro com o de disenteria bacilar e com os diversos quadros disenteriformes devidos a outros germens, não ha que tirar nem pôr: são inteiramente semelhantes. Pois bem, nas mãos dos homeopatas, o grande remédio da disenteria e das síndromes disenteriformes é o *Mercurius corrosivus* e não há homeopata que não tenha realizado dezenas, centenas de curas de casos de disenteria, facilmente, com o sublimado. Nota-se, desde as primeiras doses, diminuição das cólicas, do tenesmo e um espaçamento pro-

gressivo das exonerações que vão diminuindo em número, ao mesmo tempo que o sangue logo, delas, desaparece. Eu, pessoalmente, poderia apresentar-vos bem uma centena de casos curados, sobretudo observados em crianças. Escolho, porém, dentre todos, desde os mais leves até os mais graves, aquêle que constituiu a minha prova de fogo na prática da homeopatia e da qual, pela misericórdia divina, eu pude sair com a minha fé inabalada e a minha convicção robustecida.

Trata-se do caso de minha filhinha Norma, hoje com quasi 6 anos, mas contando, então, 2 anos, o que passo a relatar. (Passa, então, o conferencista a relatar, de improviso, o que ocorrera com a sua aludida filhinha que, no espaço de poucas horas, de um estado de doença aparentemente leve, tanto que havendo-a medicado, saíu tranquilo para o seu consultório, viu-a prostrada por um gravíssimo mal que obrigou a esposa a chamá-lo insistentemente pelo telefone. Surprêso, foi à casa, encontrando sua filhinha em estado grave com febre acima de 41 graus, com evacuações constantes e sanguinolentas e num abatimento mortal. Com aplicação do *mercurius corrosivus* conseguiu curá-la em pouco tempo). E assim prossegue:

Evidentemente, dando o *Mercurius corrosivus* à minha filhinha para curá-la de seu grave disenteriforme, eu não lhe apliquei doses macissas, de sublimado. Eu lhe apliquei, ao contrário, doses muito pequenas, uma diluição ao milionésimo. Se tivesse agido de outra maneira, outra cousa, evidentemente, eu não faria, sinão agravar aquela dolorosa situação, juntando à infecção uma grave intoxicação medicamentosa. Ainda assim, a lei é tão verdadeira, que, após uma agravação inicial, haveria uma reação, com aparecimento de melhoras que perdurariam sob condição de suspender-se o medicamento ou diminuir muito as doses.

De facto, o próprio Hahnemann, no início de suas experiências clínicas, empregava as tinturas, em doses fortes. Opu-nha, apenas, seguindo a lei que acabava de descobrir, a um grupo de sintomas mórbidos, o medicamento que êle sabia capaz de produzir, no homem são, sintomas semelhantes; mas, então, observava invariavelmente, antes da fase da cura, uma fase de agravação por vezes muito perigosa — tudo absolutamente semelhante

ao que se segue à administração de uma vacina autógena.

Hahnemann teve, então, muito naturalmente, a idéia de diminuir as doses dos seus medicamentos, não sem o íntimo receio de ver desaparecer, ao lado da fase de agravação, também a fase de cura. Com surpresa, porém, viu que, diminuindo a massa do medicamento, menos forte era

a agravação e mais rápida a cura. Foi assim, passando gradativamente do terreno da massa material para o do dinamismo puro do medicamento (e quanto mais atenuava, melhores resultados obtinha), que conseguiu eliminar a agravação e curar rápida e suavemente os seus enfêrmos.

(Continua).

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Uma semana depois o espírito de Wallace R. voltou, algo mais forte e, falando do seu sofrimento, dirigiu um angustioso apêlo a todos para que dominassem o vício de drogas.

Sessão de 17 de Outubro de 1923

Espírito: Wallace R. — Médiun: Sra. Wickland

O espírito parecia muito fraco e foi, a princípio, incapaz de falar.

Médico — Quem se acha presente? Levantai o corpo e falai. Não penseis em doença. Falai como costumáveis fazer.

Espírito (Fracamente) — Isto é fácil de se dizer.

Méd. — Fazei um esforço e verificareis como é fácil.

Esp. — Quis voltar para obter mais um pouco de compreensão. Não pude conseguí-lo da última vez. Estou na escuridão. Estou em trevas, tendo de dominar o meu vício, que está como que ligado à minha alma.

Méd. — Estivestes aqui antes?

Esp. — Sim, não foi há muito e eu agradeço o vosso auxílio, mas preciso de mais. Peço-vos dar-me a fôrça de dominar o meu antigo vício de ingerir drogas. Tinha pouco conhecimento da vida d'além. Vivia, dia a dia, a vida do mundo. Nunca pensei no outro lado da vida.

Méd. — Bem poucos se interessam por coisas superiores.

Esp. — Quero também agradecer-vos o auxílio que me proporcionastes durante o tempo em que esti-

ve enfêrmo. Naquela ocasião sentia uma fôrça superior me ajudando a vencer e procurando dar-me energia. Era como que arrastado, pois estava muito fraco para compreender a fôrça que foi enviada para ajudar-me.

Méd. — Concentramo-nos em seu benefício durante o tempo em que estivestes doente, pois pensávamos que havia obsessão ali.

Esp. — Estava muito fraco para compreender.

Méd. — De facto, não comprehendestes.

Esp. — Não tinha fôrça e nada havia em mim para ajudar-me. Minha única esperança era procurar vencer. Estava em tal estado e tão desfalecido que muitos espíritos nada conseguiram, e eu não tive um só que conseguisse ajudar-me a dominar o meu abatimento. (O espírito conservava as mãos cruzadas sôbre o peito e constantemente enrolava os dedos uns nos outros).

A gente que toma drogas pensa que o vício acabará quando se deixar o corpo físico. Procurei dominar-me, porém, quando perdi o corpo mortal e a minha querida esposa não pôde estar ao pé de mim para ajudar-me naquela terrível luta, senti-me desamparado.

Ela é uma alma nobre; estava perto de mim e me auxiliava, mas eu não tinha fôrça para dominar-me.

Depois que eu deixei as vizi-nhanças da Terra, entrei numa espécie de sono passageiro, mas, oh, quanto ansiei por minha esposa e

meus filhos! Queria dominar-me e não podia. Quanto sofri (gemendo penosamente), oh, quanto sofri!

Procurei ir a algum lugar onde obtivesse auxílio para dominar-me, por isso devo agradecer-vos, pois me destes vontade e fôrça. Espero obter mais fôrça por meio de vossos bons pensamentos.

Na vez que aquí vim já ganhei muito. Não estou forte ainda, mas posso ver agora e compreender como poderei ganhar a minha batalha. Do pouco que pude ver do mundo espiritual, desde que aquí estive, já posso compreender que coisas maravilhosas existem.

Gostaria de avisar a muitos que conheço para não tomarem drogas. Pensam que é uma distração no começo, mas como terão de sofrer posteriormente! Farão então tudo o que puderem para dominar o vício. Não sofrerão apenas aquí, mas padecerão terrivelmente depois que passarem para o outro lado, e sua alma ficará em fogo. (Com uma expressão agoniada, mãos e dedos agitados nervosamente).

Muitos, sim, muitos voltarão e procurarão obter a droga, mesmo pouco, e arruinarão outros, contra as suas vontades. Recordo que eu mesmo, em mais de uma ocasião, não queria tomar a droga, mas sentia detrás de mim um poder mais forte. (Obsessão). Ah, se o mundo soubesse!

Minha querida, minha nobre esposa está prevenindo os outros, afim de que eles não tenham a mesma sorte e a mesma morte que eu. Foi horrível! (Depois da morte de Wallace R., sua mulher, Sra. R. desempenhou um papel de destaque num filme que retratou, ao vivo, os horrores do vício dos narcóticos).

Graças a vós achei alívio aquí. Sinto-me melhor, vencerei agora. Já se me abriram os olhos do espírito e eu verifiquei que há grandes possibilidades para mim. Ah, se eu pudesse avisar e ajudar os outros! Muitos estão tomando aquela droga mortal. Eles pensam que podem esquecer a tristeza e ganhar energia com droga. Conseguem-no um instante apenas, depois então vem o pior. Tomam u-

ma segunda, uma terceira vez, e o mal vai aumentando.

Quando bebem uisque, ficam bebados, mas, depois de um bom sono, se tornam bons, e não sentem o terrível efeito da droga.

O mundo irá mal se o vício dos entorpecentes não fôr breve dominado. Muitos usam morfina e, oh, (gemendo angustiado) se eu pudesse voltar e avisá-los! Se eles apenas me acreditassem! Se eles soubessem que terrível coisa é ser-se escravo de uma droga qualquer. Soubessem eles o que há além e nunca fariam uso delas.

Méd. — A condição dos espíritos que usaram drogas durante a vida terrena deve ser horrível no mundo espiritual.

Esp. — (Tremendo). Não quero voltar alí, (á esfera terrena). Já tive uma visão dela. Obrigado pela concentração que fizestes por mim, foi de muito auxílio. Eu estava fraco, mas por meio dela eles puderam auxiliarme e me deram fôrças, e também me puseram para dormir para eu recuperá-las todas.

Estava procurando voltar a algum lugar em que obtivesse auxílio (a algum centro espírita), mas não podia fazer muito. Ainda não compreendia bem. Desde que aquí vim e que conversei convosco que me senti mais forte, de modo que agora voltei para agradecer-vos e dizer-me que estou no caminho da saúde e da felicidade.

Vencerei agora e então quero que todo mundo saiba. Quero prevenir a todo o mundo para não fazer uso de drogas. No começo se obtem alívio do seu padecimento, mas se adquire doença muito piór. Não sabeis que horrível sofrimento advem daí. Nem posso contar-vos. Se eu estivesse queimando no fogo tal não seria piór do que ter cada nervo do corpo ardendo. E' de se ficar louco. Ninguém póde se capacitar disso senão pela experiência própria.

Méd. — Os espíritos amigos auxiliar-vos-ão.

Esp. — Estou sendo ajudado e muito vos agradeço. Se eu voltar dir-vos-ei do meu progresso no outro mundo. Vi muito pouco, mas soube

aprender. Estou numa escola, um hospital, onde estou aprendendo a vencer. Todos pensam que, quando morrerem, os seus padecimentos se acabam, mas é realmente quando se vive e todos os desejos e hábitos permanecem com a alma, porque pertencem a ela e não ao corpo. O corpo é simples vestimenta transitória.

Grato pelo auxílio que me destes, e também pela oportunidade de aprender as lições da verdadeira vida. Gostaria de ver muitos círculos

como este, para ajudar os espíritos em trevas. Quando possível, fazei-me a minha esposa de todo o meu amor. Procurarei, quando estiver mais forte, dar-lhe a impressão de que estou junto dela.

Méd. — Sêde forte e ponde de lado tudo o que se refira a doenças. Deixai as forças espirituais da Falange do Bem agir sobre vós e breve estareis completamente curado.

Esp. — Sim, assim farei. Obrigado. Adeus!

A OBRA DE GELEY

Ismael G. Braga

— VI —

Geley concebe a evolução do indivíduo como a passagem do inconsciente para o consciente e vai, pela observação dos factos chegar a conclusões que aproximam a ciência ocidental da oriental. Leiamos seus raciocínios:

«Vemo-nos forçados a concluir que a forma não é mais do que uma ilusão temporal; que os órgãos, nem os tecidos, não têm determinações verdadeiras e específicas; que todos os órgãos e tecidos, do mesmo modo que nasceram de célula primordial única, da célula — ovo — podem voltar, no curso da vida, a essa substância primordial única, a qual, a seguir, póde organizar-se sob novas formas e constituir, temporariamente, órgãos e tecidos diferentes e distintos.

«Em uma palavra: tivemos de render-nos à evidência de que o complexo orgânico, o corpo, não tem qualidades definitivas e absolutas, nem especificidade própria. Pela sua origem, por seu desenvolvimento, por suas metamorfoses embrionárias e post-embrionárias, por seu funcionamento normal como por suas possibilidades chamadas supranormais, pela manutenção da forma habitual como pelas desmaterializações e rematerializações metapsíquicas, este organismo se resolve em um dinamismo superior que o condiciona.

«O complexo orgânico se nos oferece, não como o indivíduo completo, mas como um produto ideoplástico do que há

de essencial no indivíduo: um dínamo-psi-quismo que o condiciona todo e que é êle, o dínamo-psi-quismo, o todo.

«Em termos filosóficos, o organismo não é o indivíduo; é apenas a representação do indivíduo.

«Com esta concepção compreende-se imediatamente toda a fisiologia, todas as capacidades normais e as chamadas supranormais do Sêr físico, enquanto que, sem ela, tudo é mistério, tanto a respeito dos fenômenos mais familiares do funcionamento orgânico, como dos fenômenos mais inesperados do mediunismo.

«Na realidade não há fisiologia normal. Tudo fica reduzido a representações; porém umas e outras igualmente condicionadas pelo dínamo-psi-quismo essencial e único real.

«Se as metamorfoses embrionárias e a histólise do inseto nos parecem misteriosas; se a interpenetração da matéria sólida pela matéria sólida, se as materializações e desmaterializações orgânicas nos parecem impossíveis, é porque atribuímos realidade aos caracteres e propriedades pelos quais nos representamos a matéria. Se, ao contrário, observarmos que êsses caracteres e propriedades são fictícios e irregulares, o mistério e a impossibilidade desaparecem, ou pelo menos, se tornam apenas relativos: simples função de nossa ignorância ou de nossa debilidade. As mudanças que nos oferecem a fisiologia normal e a fisiologia supranormal não têm outra importância para o

filósofo senão a de mudanças de aparências. Sua causalidade e sua explicação não estão nas aparências: estão por completo no dínamo-psi-quismo essencial que as condiciona».

Essa nova luz que Geley lança sobre os seres vivos e sobre a matéria pertence, há milênios, às convicções hinduístas, de que toda realidade é espiritual, e toda matéria é ilusória. Ele admite, como acabamos de ler, que o homem normal, com seu corpo físico, nada tem de diferente de um Espírito materializado. Para chegar a esta ousada conclusão, ele observou o fenômeno de materialização e desmaterialização de Espíritos, a histólise do inseto, as metamorfoses embrionárias. Partindo dêsse raciocínio de Geley, vamos chegar, por outras palavras, ao ensinamento dos Espíritos superiores, de que o corpo nada vale e o Espírito é tudo. Daí às idéias religiosas, recebidas por via de revelação, de que tudo temos que fazer em benefício da alma.

Já pela Doutrina reencarnacionista ensinada pelos Espíritos, nós, do Ocidente, damos um grande passo para nos aproximarmos dos orientais, abandonando os dogmas das penas eternas. Geley nos aproxima ainda mais das filosofias orientais e da concepção espiritualista da vida. Há, pois, uma tendência muito manifesta de confraternização ideológica

mundial, para uma unidade do pensamento que só tem divergências criadas pela ignorância, pelo desconhecimento da verdade completa.

Por outro lado, o progresso material, a facilidade dos transportes, o rádio e, sobretudo, o Esperanto nos prometem para um futuro próximo uma civilização efetivamente planetária. Estamos, pois, no limiar de uma nova era que será muito mais harmônica do que todo o passado da humanidade terrestre.

Já existem organizações de idealistas na Holanda, na Inglaterra e em outros países, trabalhando para divulgarem o projeto de um governo mundial, no qual as nações se transformem todas em províncias de um grande império. Sabemos que por longo tempo essa idéia não passará de um sonho, de utopia, mas a verdade é que pessoas inteligentes e superiormente idealistas creem no dever de divulgar essa idéia, como nós cremos no dever de divulgar as nossas.

De 17 a 24 de Agosto de 1947, reuniu-se na Suíça um Congresso Mundial dos partidários do Governo Único para o mundo. Já existe a Organização das Nações Unidas. Há uma forte tendência de unificação mundial em nossos dias.

Esperemos que o progresso moral nos permita pelo menos viver e colaborar fraternalmente em toda a superfície do planeta.

Os Acontecimentos do Fim

J. B. Chagas

O chamado período do caos ou da grande tribulação, anunciado nos textos das Escrituras, corresponde e é também citado no Novo Testamento por Mateus, Marcos, Lucas, bem assim em Atos dos Apóstolos e no Apocalipse de João.

A abominação da desolação — Diz-nos Mateus, a êsse respeito:—«É assim como foi nos dias de Noé, assim também será a vinda do Filho do homem. Então, de dois que estiverem no campo, um será tomado, e outro será deixado. De duas mulheres que estiverem moendo em um

moinho, uma será tomada, e outra será deixada. Velaí pois, porque não sabeis a que hora ha de vir vosso Senhor!» (XXIV-37, 40, 41 e 42).

«Então, diz-nos Marcos, — o irmão entregará à morte outro irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte». (XIII-12).

Confirmando Lucas — «Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá grandes terremotos por várias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão coisas espantosas e grandes sinais do céu» (XXI-10 e 11).

Estas previsões esclarecem e confirmam as profecias de Daniel, Jeremias, Malaquias e outros profetas.

Os sete tempos dos gentios — Êsses tempos são indicados pela primeira vez em Daniel. Vemos aí a referência de que «os santos serão escravizados e até o altíssimo imaginará de si que póde mudar os tempos, até um tempo, e dois tempos e metade de um tempo» (VII-25).

«Quando chegarem os tempos — farei ver prodígios em cima e em baixo na terra, sangue e fogo, e vapor de fumo» (At. II/19).

O *Apocalipse* de João repete as mesmas sibilinas palavras: — «E o dragão, depois que se viu precipitado na terra, começou a perseguir a mulher que havia tido o filho macho. E foram dadas à mulher duas asas de uma grande águia, para voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada um tempo, e dois tempos, e metade de um tempo, fóra da presença da serpente» (XII/14).

Lucas, falando da extinção do domínio dos israelitas sôbre Jerusalém, assim se expressa: — «Quando virdes pois que Jerusalém é sitiada de um exército, então sabei que está próxima a desolação. Porque cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, e Jerusalém será pisada dos gentios até se completarem os tempos das nações» (XXI/20 e 24).

As predições de Ezequiel, aplicam-se perfeitamente a duração do domínio dos gentios sôbre Jerusalém, confirmando as palavras de Jesus, sôbre a queda de Jerusalém, até o fim dos tempos.

A queda de Jerusalém e o começo do primeiro cativo dos israelitas constituíram, portanto, o valor de três tempos e uma metade. O tempo valendo 360 anos, constantes das Escrituras.

Os três tempos e metade de Daniel, compreende, pois, 1260 anos, que será a metade dos sete tempos dos gentios, correspondendo a um período de 2.520 anos, ou seja as semanas dos grandes anos, de 360 anos, das Escrituras. O meio período de Daniel, equivaleria aos 42 meses e aos 1260 dias do Apocalipse, compreendidos de *dias-anos*, em 584, como o ponto de partida dos seis primeiros tempos dos gentios ($360 \times 6 = 2.160$ anos), que nos conduz ao ano de 1576 da era cristã, isto é, o ponto culminante das guerras reli-

giosas e das maiores perturbações entre os espíritos.

Vários comentaristas dos textos bíblicos, admitem hoje que a expressão — *os tempos* — aplica-se a dois tempos, que se dá a frase profética — «um tempo», vários tempos e metade de um tempo».

— «Eu te contarei um número de dias iguais aos anos que duraram a iniquidade» (Ezequiel, IV 6).

* * *

Ha oitenta anos passados, dizia ao Codificador do Espiritismo, o Espírito da Verdade: — «Chegastes ao termo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da humanidade».

De facto, já agora, chegaram, realmente, os tempos previstos nas Escrituras. Estamos colhendo os frutos da sementeira dos falsos profetas e dos falsos cristos. Plantaram espinhos. Vão colher dôres! Desperdiçaram um tempo preciosíssimo em busca de decifrar a incognita da sua felicidade e assim inventaram religiões, criaram sistemas, e porque eram imperfeitos, impregnaram essas religiões e êsses sistemas com os seus êrros e imperfeições! Esqueceram as lições de brandura e de humildade do Divino Mestre, improvisando-se em senhores do Mundo!

Segundo o relato de uma grande avalanche de documentos velhos e novos, ha até uma cronologia dos acontecimentos *do fim*, com a ordem geral dos tempos do fim, estabelecida no simbolismo das Pirâmides, nos Evangelhos, nas profecias do venerável *Barthélemy Holzhauser*, do *Barão de Novaye*, *São Malaquias* e outros.

E apenas, a título comparativo, vamos transcrever algumas destas previsões.

A) — *Ordem dos acontecimentos segundo a Pirâmide*: 1) *Começo do caos* — primeiro período do caos (4-5 de Agosto, 1914 a 10-11 novembro, 1918); b) a treva no caos — (10-11 novembro 1918 a 29 de maio 1928); c) crise econômica e política mundial (29 maio 1928 a 5 dezembro 1935).

2) — *Fim do caos*: — Terminação da segunda passagem baixa (5 dezembro 1935 a 1-16 setembro 1936);

3) — *O Fim da Era* — a) Advento da era teocrática. b) Entrada na sala da ressurreição e do julgamento das nações (15 16 setembro 1936 a...)

B) — *Ordem dos acontecimentos segundo os Evangelhos:*

1) *Antes do fim* — a) os falsos Cristos. b) rumores de guerra. c) uma nação contra outra nação; um reino contra outro reino; fome e tremor de terra. Perseguições e guerras civis.

2) *Abominação da desolação* — Os dias da grande aflição serão curtos e breves.

3) *Fenômenos astronômicos* — a) O Sol escurecerá; b) A Lua apagará; c) A queda das estrêlas; d) O poder do céu será abalado.

4) *Vinda do Filho do Homem* — a) O sinal do Filho do Homem no céu; b) Lamentações das tribus da terra; c) O Filho do Homem surgirá sobre as nuvens; d) Soarão as trombetas dos anjos; e) Reunião dos eleitos; f) julgamento das nações.

C) — *Ordem dos acontecimentos segundo o venerável Barthélemy Holzhauser* — A sétima época ou era da Igreja corresponde ás sete igrejas da Asia; as sete estrelas e aos sete candelabros, corresponde a 1.^a: de Cristo á Nero; 2.^a de Nero a Constantino; 3.^a de Constantino a Carlos Magno; 4.^a de Carlos Magno a Carlos V; 5.^a de Carlos V ao Grande Monarca; 6.^a do Grande Monarca ao Anti-Cristo; 7.^a do anti-cristo ao fim dos tempos.

D) — *Ordem dos acontecimentos segundo o Barão de Novaye:*

O barão de Novaye, que fez um aprofundado estudo das Escrituras, das profecias, antigas e contemporâneas, organizou o quadro cronológico dos acontecimentos dos tempos do fim, abaixo descrito:

- a) guerras gerais, flagelos;
- b) crise revolucionária;
- c) destruição dos maus;
- d) destruição de Paris e de muitas casas;
- e) elevação da França;
- f) conversão dos homens;
- g) triunfo da Igreja e paz geral;
- h) o grande Papa e o grande Monarca;
- i) renascimento de 25 anos;
- j) reino do anti-cristo;
- k) morte das duas testemunhas: Enóch e Elias;
- l) queda do anti-cristo;
- m) purificação da Terra pelo fogo e pela água;
- n) Reino de Deus;
- o) fim do mundo (?).

E) — *Ordem dos acontecimentos depois da profecia de S. Malaquias sobre os últimos nove papas* (repartição feita pelo abade Maitre):

1) Os três papas da penúria, da guerra, da crise e da perseguição; a) — *Ignis ardens* (fogo ardente ou vivo), Pio X (1903-1914); b) *Religio depopulata* (religião popular), Benoit XV (1914-1922); c) *Fides intrepida* (crença sincera), Pio XI (1922 a... ?);

2) — Os três papas da Renascença e da floração mística (? à ?). a) *Pastor angelicus* (pastor angélico) — O Grande Papa; b) *Pastor et nauta* (pastor e navegante); c) *Flos Florum* (flôr das flôres);

3) — Os três papas das provas supremas antes do fim da era adâmica: (? à 2000) — a) *De medietate lunae* (metade lunar); b) *De labore solis* (do trabalho do sólo); c) — *De gloria olivae* (da glória de oliveira).

* * *

Muito antes dos acontecimentos que deveriam denunciar o fim dos tempos, com as suas consequências dolorosas, os espíritos vieram reiterar aos homens, através de sábias advertências, a necessidade imperiosa de apressarmos a iluminação própria, dizendo: — «Se o Evangelho não se tornar realmente, em vossos espíritos, um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcedados e endurecidos para o mundo que lhes fôr próprio? Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso espírito faltar o elemento de luz com que possais vêr a chegada inesperada de Nosso Senhor Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos? Se fostes chamados ás bodas do filho do vosso Rei, porque não tomam os vossos espíritos as roupas dignas do banquete, trocando convôscos o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo? Se tudo está preparado, se só fal-

tam os convivas, porque cedeis o vosso lugar aos côxos e estropiados, que virão, como últimos, a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina? Êsses pontos do Evangelho de Nosso Senhor Cristo, apesar da revelação, ainda não se impõem à vossa meditação? Êsse éco que rebôa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — *Os tempos são chegados!* — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorarem os vossos espíritos? Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissenções e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina? Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gôzo da carne e a satisfação das paixões do mundo? Seria simplesmente uma obcecção do espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar

no reino de Deus coberta dessas paixões e dessas misérias humanas! Isso equivaleria a não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis que crêdes: seria zombar do vosso Creador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, que não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões! Meus amigos! Sem caridade não ha salvação — sem fraternidade não pôde haver união. Uni-vos, pois, pela fraternidade, debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, áqueles que vos pedem lhes deis, da vossa crença, ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão».

* * *

Todavia, uma grande maioria de homens tem, por teimosia, permanecido surda aos avisos e incitamentos do Alto, e como a lei do Pai é imutável nos seus desígnios, tudo vai se cumprir, mau grado a insatisfação dêsses mesmos homens!

☉ Fenômenos de Materialização ☉

XIII

Fui eu quem presidiu a sessão de ontem, sábado. Depois de recomendar a todos os assistentes que se submetessem ao processo da pesagem, dou início aos trabalhos com o pedir fôsse cantado o hino «Obreiros de Jesus», no que fui atendido, passando a proferir a prece inicial. Peço seja feito profundo recolhimento espiritual para a consulta aos nossos guias, comunicando-se, por incorporação, o lúcido espírito de Rodolfo, que nos deu uma sublime lição, orientando-nos, também, sôbre o andamento da sessão! A-chandô-se na assistência uma visita — o confrade Pereira Guedes, a quem já tinha prevenido de que não poderia tomar parte dos trabalhos, dado que hemos deliberado não aceitar, por enquanto, novos elementos, com o que êle concordou, sem relutância, oferecendo-se até, de boa vontade, a fazer parte da turma que iria fazer ambiente na casa de um doente, quisemos ouvir a opinião do Alto sôbre quem deveria partir para êsse serviço,

sendo que o espírito comunicante nos disse que o aludido ambiente não se faria desta vez ainda, devido a que as dezoove pessoas presentes, alí deveriam permanecer todas em constante concentração, dado que necessário se fazia trabalhar em benefício de vários doentes presentes, cuja intervenção espiritual urgente se fazia necessário. Recomenda ainda que mandássemos recolher o médium Lins à cabine e fizesse deitar, na sala contígua, em camas separadas, as nossas irmãs Florinda Mesculin e Risoleta Viola, a primeira para ser beneficiada e a segunda para trabalhar como médium curador, ao que se obedeceu satisfatoriamente. Passamos então a cuidar de estabelecer um ambiente favorável ao bom rendimento dos trabalhos, empenhando-nos em fazer constantes preces e cantar vários hinos. Procedo à leitura do capítulo do livro «O Nosso Lar», intitulado «A volta de Laura» e peço que o comentem, aos irmãos Margarida, Guedes, Vitorino e Vicente, cabendo-

me o reajustamento. Todos tiraram as melhores ilações que o transcendente assunto ensejava. Um dos nossos amigos do Espaço, recomenda-nos, por voz direta, para diminuirmos a luz, o que foi observado. Daí a poucos momentos aparece, à entrada da cabine, o querido espírito de Scheila distribuindo suaves perfumes aos assistentes, enchendo todo o ambiente de deliciosa fragrância. Encaminha-se para as duas homônimas da Juventude Espírita «Abel Gomes», que atendem pelo nome de Dulce. Fica mais de dois minutos frente a elas, acariciando-as. Encaminha-se à sala contígua, indo aplicar passes em D. Noca, voltando ao recinto para se encaminhar às jovens, afim de lhes ministrar passes, fazendo o mesmo aos irmãos João e Maria da Glória, desaparecendo em seguida. Aparece então outro vulto, logo identificado pelo espírito de João de Deus, cuja materialização era perfeita, notando-se-lhe, até, os traços fisionômicos na penumbra. Dirige-se à sala adjacente, passando no meio da assistência e levando às irmãs que ali se encontravam, seu amparo espiritual. Voltando à assistência, vem junto do local da presidência, encarando-me carinhosamente, voltando ao centro da sala para pregar, com palavras ternas e eloquentes a excelência dos mais palpitantes princípios evangélicos, deixando, ao terminar, na imaginação de todos os presentes, que lhes sorviam com avidez e prazer as palavras que lhe afloravam aos lábios, a mais agradável e viva impressão. Feita a preleção, o espírito encaminhou-se para a entrada que fica do lado esquerdo da cabine, aí permanecendo enquanto todos cantavam «Almas Gêmeas», apresentando-se, ao mesmo tempo, no plano superior, o vulto de Neusa Magaldi. Ao desaparecerem os dois espíritos amigos, o José, no seu porte atlético, aparece materializado no vão da entrada, daí nos falando, a improvisar quadras belíssimas, pedindo que cantássemos o hino «Entardecer», ao que gostosamente anuímos, sendo que êle nos acompanhou, sobressaindo-se a sua voz gutural característica. Poucos momentos depois que José desapareceu, outra entidade do mundo invisível se materializa, pela primeira vez em nosso meio, embora de nós já fôsse muito afeiçoada e conhecida. Era o velho Fritz, pai de Scheila e de Rodolfo Fritz, spiritista desincarnado durante a última guerra mundial, na Alemanha, sua Pátria

de nascimento. O seu traje era *sui-generis*, tomando-lhe todo o corpo até cobrir-lhe os pés. O seu corpo deveria ter cerca de um metro e noventa centímetros de altura e era de aparência delgada. O «irmão mais velho», como êle se declarou, distribuiu deliciosos perfumes pelos presentes, indo assistir a esposa do Mesculin, na sala vizinha, voltando ao recinto para ministrar passes na Emilia e na D. Maria, terminando por nos mimosear com uma alocução evangélica, cheia de conceitos elevados e de ensinamentos profundos. O José atira uma pedra ao meio da assistência, logo que Fritz desapareceu. Uma outra pedra cái no nosso meio e a voz de Neuza se ouve para dizer que aquela pedra, que tivera o cuidado de perfumar, era um presente para D. Noca, pedindo ao Mesculin para transmitir um abraço ao seu pai e um beijo a sua mãe, travando, os dois, ligeiro diálogo. Eu também entretive com o querido espírito, ligeira palestra sôbre assuntos doutrinários. O dedicado espírito de André Luiz, patrono do Grupo, dirige-nos agora a sua palavra enérgica e conselheira, vibrante e amiga. Informa-nos de que os nossos trabalhos colimaram, felizmente, os seus altos objetivos, pois se havia assinalado seguro êxito nas intervenções astrais, assegurando que a enfermidade de nossa irmã Noca, conquanto fôsse melindrosa e considerada caso perdido para a ciência oficial, seria radicalmente debelada ao cabo de mais duas ou três sessões, ainda mesmo que ela não pudesse estar presente, caso em que seria beneficiada na sua residência. Scheila é quem nos fala depois, dirigindo-se, de preferência, aos elementos da Juventude, aconselhando-os a se empenharem nos serviços da Caridade. Sucede-lhe a diretora espiritual dos trabalhos de efeitos físicos.—Araci, que nos anuncia termos chegado ao fim dos nossos trabalhos, fazendo uma linda prece e recomendando que encerrassemos a sessão com uma súplica, depois do que foram despertados os médiuns. Uma das duas pedras encontradas tinha um perfume suave e penetrante. Várias pessoas tiveram o seu pêso diminuído, sendo que D. Maria teve um quilo de aumento e o médium principal, pela primeira vez, não perdeu pêso nenhum.

Amadeu Santos.

RIO, 15 de Março de 1947.

✧ Livros e Autores ✧

LEOPOLDO MACHADO

MEDIUNIDADE — Edgard Armond, *Livraria Allan Kardec Editora*, S. Paulo.

A mediunidade é o tema por excelência, antigo e atual, eterno e sempre novo, do Espiritismo. E bem o merece, porque é assente na mediunidade, com este nome ou com denominações diferentes, que toda a revelação divina se nos tem manifestado.

Do bôjo da Mediunidade, e de seus meandros, surgiu o Espiritismo.

E, antes do Espiritismo, a revelação de Abraão, que foi, incontestavelmente, o instrumento do monoteísmo; o Decálogo, ou a Primeira Revelação Divina, o próprio Cristianismo. Vale salientar, nessa hora em que, em nome do Cristianismo feito catolicismo e protestantismo, se põem em dúvida essas páginas admiráveis de Emanuel e Humberto de Campos, que todas as revelações divinas, que toda a civilização cristã é fruto da mediunidade superior. No Evangelho, desde o aviso do nascimento de João Batista e da anunciação à Maria, até o *Apocalipse* de João Evangelista, tudo, tudo, fruto e consequência da mediunidade!

Além disso, quando a humanidade está se afundando no grosseiro materialismo, cepticismo absorvente, é, ainda, a mediunidade uma fonte copiosa de «milagres», para abalar o espírito endurecido dos homens.

Foi assim com Abraão, com Moisés, com Jesus Cristo, com Paulo de Tarso. Foi assim com os fenômenos de Hydesville, cujo primeiro centenário se vai, agora, comemorar, embora se tratasse de manifestação de espírito inferior. E' assim, embora em dose menor, com o reverendo Antonio Pinto...

De tal sorte se impõe a excelência da mediunidade que, entre uma conferência, ainda que proferida pelo mais substancioso e eloquente orador, e a sessão em que os caboclos e pretos velhos baixem para espetáculos mediúnicos, a preferência é para as sessões de pretos velhos e caboclos. E' o que vemos por cá: as macumbas e tendas de Ubanda regorgitam, automóveis de luxo lá fóra, espe-

rando, enquanto seus donos—médicos, bachareis, funcionários públicos, industriais e militares — lá dentro, pitam cachimbos e bebem marafa; mediunizados, ou pedem milagres aos espíritos... No mesmo passo, as reuniões sérias, de estudo; as conferências substanciosas vão apanhando meia duzia de abnegados, apenas...

E' a maior fôrça do Espiritismo, se bem dirigida, já o dissemos noutra lugar. E ninguém poderá contestá-lo. Mal orientada, é a sua pior fonte de descrédito.

Pugnar pela mediunidade bem dirigida, para que o Espiritismo se dirija superiormente, em proveito de todos que se ácercam de uma e do outro, é função das mais preciosas de espíritas de responsabilidade.

Registramos, com infinito prazer, o aparecimento de um escritor e uma obra assim: Edgard Armond e A MEDIUNIDADE, que a *Livraria Allan Kardec Editora*, de S. Paulo, nos seus propósitos de publicar livros úteis e de revelar escritores brasileiros capazes, acaba de lançar.

Temos lido, e estudado mesmo, muita coisa que se tem escrito sôbre médiuns e mediunidades.

E por bem estudar uma e outra coisa, através de uma trintena de anos de militância dentro do Espiritismo, por estudá-las bem, nos livros e nas sessões práticas, é que, de tempos a esta parte, sempre que temos aconselhado a quem deseja conhecer bem o Espiritismo, fazemo-lo dizendo que evite, sistematicamente, as sessões práticas, enquanto não conhecer bem as obras fundamentais do Espiritismo. Principalmente o Kardec, que é, ainda, dos autores, o mais lido. Pois, já agora, diremos: Si quiser pisar, praticando o Espiritismo, em terreno seguro e limpo, mormente no que respeita à mediunidade, não deixe de estudar, antes, O MEDIUNIDADE, de Edgard Armond.

Confessamos, sinceramente, que aprendemos muita coisa, descobrimos muitas observações, atinamos com muitos problemas, que em obra nenhuma havíamos, até então, vislumbrado.

E' um livro substancioso, indispensável, preciso e lógico.

Só lhe descobrimos uma ausência a lamentar: um capítulo, à semelhança de todos os seus capítulos, incisivos, breves, sintético, sem uma expressão a mais ou a menos, sem um termo para fazer literatice; só lhe descobrimos um capítulo sobre a concentração. Anda-se por aí, em todas as reuniões, a pedir-se, vez por outra, ou quasi sempre — *Concentração! Concentração!* sem que, via de regra, se saiba o que isto é...

O autor escreve bem, com clareza e lógica.

E' didata. As matérias dos 32 capítulos em que se dividem as 3 partes de seu volume, são bem 32 aulas primorosas, metódicas e profundas, a despeito de ministradas com uma leveza de estilo bem digna dos três escritores brasileiros de estilo mais leve e mais bonito que conhecemos: Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos e Carlos Imbassahy.

E' livro que se lê num crescente interesse, aprendendo-se sempre. E sem se discordar do autor, tanta é a lógica e a substancialidade de suas lições e de suas observações.

Não ha no livro palavriado vasio, conceitos teóricos, coisas vagas, propósitos de erudição pedantesca.

Tudo que expõe é coisa que se deve saber. Ou que já se sabia, mas em que não se havia atinado, nem metodizado, para saber-se melhor.

Estamos certo, certissimo de que, se se fizer a necessária difusão do *A MEDIUNIDADE*; de que, se houver a propaganda precisa do volume, dentro de breve, dêle será fôrça que se tirem edições a milhares e milhares de volumes, como acontece com as obras de Kardec e de Emanuel, porque se trata, evidentemente, de um livro que precisa andar nas mãos, nas estantes e nas bibliotecas de todos os espíritas cientes e conscientes da Doutrina. E na cabeceira, principalmente, dos médiuns, para sua leitura diária e consultas.

Somos gratos ao diretor da ALLAN KARDEC EDITORA, o prezadissimo confrade, Batista Lino, pelo volume que nos enviou com generosa dedicatória.

* * *

CARTAS DO EVANGELHO — poesias mediúnicas de Casemiro Cunha, psicografadas por Francisco Candido Xavier. — *Livraria Allan Kardec, Editora, S. Paulo.*

Das artes que, até agora, tem reportado, aqui e alí, com maior assiduidade, a serviço da propaganda do Espiritismo, nenhuma como a poesia.

Não se abre uma publicação espírita — jornais ou revistas — que não se encontre versos, poesia. Poesia? Sim, como sinônimo de versos, porque, poesia arte, inspiração e sentimento, isso, ainda mingua muito, infelizmente, nos versos espíritas.

Fazer verso é fácil, é facilimo.

Basta um pouco de grámatica, saber rimar e contar as sílabas métricas.

Atualmente, com o besteirismo modernista que aí vai, nem de nada disto se cogita: basta ter-se na redação de suplemento dominical de jornal, ou numa revista literária, um amigo, e mandar para êle publicar qualquer tolice, e temos assim, um Carlos Drummond de Andrade ou um Frederico Smith qualquer, grandes poetas.

A receita da feitura de verso a que nos referimos acima, reporta-se à arte antiga. E, «em matéria de arte, o mais antigo é o melhor», já houve quem escrevesse.

Mas, se dentro de versos bem contadinhos, bem rimadinhos e postos em boa syntaxe não se puser um pouco de poesia, adeus musas!

E poesia é inspiração, é sentimento, é graça.

Ruy Barbosa fez belos versos, porque dentro de toda a tecnica, mas, não foi poeta. Faltou-lhe a poesia.

O Espiritismo já tem muitos rima-dores, é facto.

Mas, não tem, ainda, seu poeta, seu grande poeta.

E quem o diz, parece que póde dizê-lo, exatamente, por ser, talvez, o mais verzejador de seus verzejadores, pois, já lhe deu um volume de poesias e tem, já, prontinhas, estrofes talvez para mais dois volumes de cento e poucas páginas. E oihem que não são dos menos lidos, os seus versos!

Não tem, ainda, o Espiritismo o seu grande poeta na Terra, mas já o tem na Espiritualidade: Casimiro Cunha.

A poesia de Casimiro Cunha filtrada através da sensibilidade dêsse homem-lira, que é o médium Francisco Candido Xavier, é alguma coisa de diferente, de etéreo, de extraordinário.

E' poesia que flue leve e cristalina, como a linfa purissima de uma castalia maravilhosa, fecundando, dessedentando, espiritualizando.

São versos leves, fluídicos, espirituais, que se lêem com enlevo e como discípulo rebelde de um mestre amado, todo pelucia e veludo: os leitores e o Cristo!

CARTAS DO EVANGELHO é o volume que A ALLAN KARDEC editora acaba de lançar, a benefício da Escola Jesus Cristo, de Campos.

O título do volume, deu-lho o grande espírito de Emanuel, dizendo, em belo recado do Alto, que êles, seus versos, traduzem «um correio espiritual da Bôa Nova, tão nova que se encontra no mundo, ha dois milênios, com todo o sabor de oportunidade para os homens».

O espírito de Nina Arneira põe-lhes um prefácio, uma apresentação que é um mimo de leveza e de candura.

E o volume abre com uma Carta do

Natal, que é uma lição viva do Evangelho, cheia de ternura e de bondade verdadeiramente cristãs.

Como a primeira carta, são as cinquenta e tantas produções do volume. Produções que, antes de aparecerem em volume, foram lidas, relidas, decoradas e declamadas por aí em fóra, com o mesmo sabor de originalidade, de simplicidade, de espiritualidade.

O volume está graficamente bem apresentado. Como, de resto, a Editora ALLAN KARDEC sabe apresentar seus livros. Bela brochura, excelente papel e impressão nítida.

E' volume para lêr, guardar com carinho e presentear pessoas de gosto. Principalmente, crianças e jovens.

Ninguém se arrepende de adquirí-lo.

E adquirindo-o, está beneficiando, ainda, uma grande obra espírita, modelo de abrigo de crianças pobres, que é a *Escola Jesus Cristo*, de Campos.

O volume que nos coube, foi oferta generosa da Livraria Editora, que não nos cansamos de admirá-la, pelo altruísmo, gosto e aprumo de seu magnífico programa.

Crônica Estrangeira

Espectros, Assombrações e o Hiperespaço

Em o «Jornal de São Paulo» de Dezembro último, o Dr. Authos Pagano, escreveu um artigo subordinado ao título «Espectros, Assombrações e o Hiperespaço», do qual extraímos o que se segue:

«Consiste o fenômeno das assombrações na suposição das manifestações da existência de pessoas falecidas, através de espíritos, em casas ou lugares que em vida lhes foram familiar.

Regra geral, o espírito se manifesta através da forma corpórea que teve em vida, ou através da forma de algum animal.

As assombrações apelam para os sentidos da visão, do ouvido e do tato e os barulhos que fazem consistem apenas em batidas dos dedos, passos, risos e lamurias.

Sob o ponto de vista do órgão do

tato, os espectros empurram os vivos. como se deu com Samuel Wesley, que, em 1717 alegava ter sido empurrado por uma força invisível três vezes; uma, contra o canto da sua mesa de trabalho, outra contra a porta e outra ainda, contra o lado direito do batente desta, à medida que entrava no seu quarto.

Tambem pode isso tudo ser fruto da alucinação, que consiste na objetivação de imagem (ou som, ruído, etc), que não foi sugerida por nenhum objeto real.

Andrew Lang, ao cuidar do assunto na Enciclopedia Britanica, narra que um seu amigo, habitando uma casa mal-assombrada, sentiu puxarem-lhe os cabelos. Tireu cita o caso de barulhos sobrenaturais, que não são ouvidos por todas as pessoas presentes, o que foi confirmado por Wesley ao afirmar que muitas vezes não ouvia sons que eram ouvidos com nitidez por seus filhos e esposa.

Como as alucinações coletivas são

raras — regra geral não vendo todos os presentes a aparição — segue-se que os fenômenos auditivos não são sempre experimentados por todas as pessoas presentes, em cujos casos, as visões e os sons não têm causa externa, sendo apenas ilusão causada pelos espíritos. Muitas vezes ouvimos barulho de arrastamento de moveis e, ao inspecionar o comodo de onde tal barulho proveio, damo-nos conta de que tudo está em ordem. Relativamente a tais ruídos, convem investigar se a atmosfera vibrou, ou se apenas a impressão se manifestou no interior do nosso ouvido.

Muitos fatos históricos tendem a provar a existência de assombrações. Autores de renome como Plauto, Luciano, Plinio, Seutonio, Santo Agostinho, São Gregorio, Plutarco e outros dão exemplos de aparições.

Sir Walter Scott e sua esposa ouviram, em Abbaotsford, ruídos de arrastamento de moveis pelo chão de determinado aposento de sua residência, conforme escreve seu biógrafo Lockart.

Procter, que durante dezesseis anos (de 1831 a 1847) suportou barulhos inexplicaveis em Willington Mill, afirmou que os objetos sôbre os quais caíam as batidas entravam a vibrar logo a seguir.

Insuspeito historiador americano do norte—Reginald Span—narra em interessante artigo que as famílias reinantes (ou que reinavam) na Europa, têm, quasi todas, além da sua côrte viva e tangível, um séquito espectral de seres misteriosos que se interessam pelas peripécias da dinastia e aparecem aos reis para advertilos de desgraças ou de sua morte próxima.

Cita o caso da «dama branca» que há vários séculos assumiu o desagradavel encargo de prenunciar a morte dos principes da casa dos Hoenzollern. Ela, que foi vista no palacio de Potsdam, nos castelôs de Bayreuth e Berlim, é o espectro da condessa Bertha von Rosenberg, que morreu tragicamente no fim do século XV, após uma vida de verdadeiro suplício.

Os reis de França tiveram durante séculos um cortesão espectral no «homem vermelho» que lhes aparecia pontualmente antes da sua morte ou para prenunciar-lhes grandes desgraças. Tal aparição foi vista por Henrique IV na noite que precedeu ao dia do seu assassinio;

por Luiz XVI no início da Revolução Francesa e pelo presidente Carnot na manhã do dia em que foi morto. Embora fossem tomadas precauções não pôde êste fugir ao seu destino fatal.

Leticia Bonaparte — progenitora de Napoleão — foi a última pessoa a despedir-se dêle, respondendo «Adio, figlio mio» ao seu «Adieu ma mère. Na manhã de 6 de maio de 1821, Leticia se achava no salão do palácio Bonaparte, quando um criado anunciou-lhe que um cavalheiro trazia notícias do imperador exilado. Apenas se lhe apresentou o cavalheiro, êste, que estava envolto num manto e com o chapéu desabado sôbre os olhos, ao retirar-se o criado, tirou o chapéu e abriu o manto, estendendo os braços para ela que, ao reconhecer o próprio Napoleão, julgando houvesse êle escapado de Santa Helena, como já o fizera de Elba, lançou um grito de alegria e se precipitou nos seus braços, mas o contacto com as «forças augustas» do ignoto, paralisou-a. Lívido e imóvel o espectro olhou-a fixamente e, escandindo as palavras, disse-lhe gravemente: «Cinco de maio de mil oitocentos e vinte um—hoje». Retirou-se lentamente para a porta, olhando sempre a mãe e desapareceu.

Voltando a si de sua grande emoção, Leticia correu pela casa toda, mas ninguem tinha visto sair o misterioso visitante. Seis semanas depois chegou a confirmação da morte de Napoleão, ocorrida em 5 de maio, ás 6 horas da tarde, ao passo que êle apareceu à sua mãe ás 11 horas da manhã seguinte.

A rainha Elizabeth da Inglaterra foi advertida do seu fim próximo por um espectro que tinha a sua fisionomia exata.

O palácio de Hampton Court e a Torre de Londres, são, de resto, lugares de aparições reais, enquanto que o espírito de Jorge III prefere como morada permanente o castelo de Windsor. No início da guerra civil este espírito apresentou-se a Carlos I, que estava lendo no seu «boudoir», e lhe prenunciou a derrota e a morte no patíbulo.

O espectro que perseguiu a família imperial da Russia — cujos últimos descendentes foram massacrados em Ecaterimburgo após a primeira grande guerra — tinha a especialidade de revestir-se do semblante do principe a morrer e apresentar-se ante êle como um irmão siamez. Pouco antes de sua morte, a imperatriz

Catarina estava lendo no seu «boudoir», quando uma dama da côrte, transtornada, veio anunciar-lhe uma coisa estranha, ter visto, ao passar pela sala das recepções, a imperatriz sentada no trono, coisa absurda, porque momentos antes a tinha deixado em seus aposentos privados, onde vinha encontrá-la. Catarina, embora empalidescesse, era mulher de coragem masculina e, sem hesitar, ordenou à sua dama que a seguisse e dirigiu-se para a sala do trono, onde encontrou realmente o espectro sentado no trono. Atravessando a multidão de cortezãos trêmulos e mudos, a imperatriz de todas as Russias se defrontou com o seu terrível «alter ego», ordenando-lhe que se retirasse, mas como a intrusa não obedecesse, ordenou ela, num paroxismo de íra e de terror, fôsse feito fogo sôbre a usurpadora. Dada a descarga o espectro desapareceu, ficando o trono todo varejado. Morria dez dias após essa ocorrência «sui generis», Catarina da Russia.

A rainha Elizabeth da Austria teve um estranho prenúncio do seu fim na noite que precedeu a tragédia de Genebra, em 1898. Despertando de um sono profundo, viu o seu quarto iluminado pelos raios da lua cheia e pôde perceber o vulto de uma mulher que chorava e a fitava com tristeza. Pela manhã, a condessa de Czateray entrou no aposento da imperatriz e esta, pálida e transfigurada, lhe disse: «Sinto que um perigo me ameaça e que minha morte está próxima». Poucas horas depois caía ela sob o punhal assassino do infame Lucchesi.

O rei Ferdinando da Bulgaria, por sua vez, era assiduamente escoltado pelo falecido presidente do Conselho, conde Stambuloff, que via repentinamente ao seu lado. Quando, certa vez, foi visitar uma princeza, percebeu que ela e suas damas de honra estavam presas de terror e isto porque, ao lado do monarca estava o espectro do fiel ministro. Ao lado dêstes factos históricos, há as lendas e superstições.

As antigas lendas familiares de assombrações constituíam motivo de glória para os herdeiros das magestosas mansões da Inglaterra ou dos castelos da Escócia. Desacreditar os espectros tradicionais que nêles habitavam era o mesmo que desafiar para um duelo.

No entanto, êsses fantasmas de velhas moradias ás vezes sobrevivem apenas

na mente das tias solteironas que se comprazem em contar histórias macabras e tristes, cuja base de verdade não suporta ligeira crítica.

Acreditou-se na existência de sete fantasmas distintos que habitavam certa casa fidalga, na Inglaterra. No entanto, nenhum jamais foi visto pelos seus hóspedes, hospedeiros e criados. A lenda diz que eles apareciam pontualmente nos aniversários das suas desgraças, o que não ficou provado.

Os sintômas e os fenômenos que as assombrações provocam são exatamente hoje o que eram já tempos passados.

A crença nelas era até há bem pouco e é ainda viva na Inglaterra; por sua causa os alugueis das casas tidas como assombradas caem consideravelmente. Um determinado senhorio moveu ação judicial contra uma pessoa que difamou sua propriedade para alugar, acoimando-a de mal-assombrada, ocorrência essa comentada pelos jornais londrinos de 7 de março de 1907.

Há centenas de casos de assombrações e casas mal-assombradas, declara a Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas, que não os divulga, temendo a queda dos alugueis, como também não publica os nomes das testemunhas.

A crença na existência de espectros a alguns se tem imposta pela fé, a outros, por estudo pseudocientíficos, portanto, de resultados que oferecem a mesma intensidade transmissiva que a fé, e a outros, ainda, por observações, embora muitas vezes pessoais e particulares, o que, mesmo assim, lhes outorga razão justa para tanto».

✱

Liberação do «Corpo Astral»

«Light»

Eis um caso observado por duas testemunhas (ambas sensitivas), de modo preciso e irrefutável. Os nomes das percipientes são conhecidos do diretor da revista.

Miss W... conta isto:

«Meu pai morreu de bronquite, à meia noite de 12 de novembro. Três horas antes, os médicos o haviam declarado fóra de perigo. Foi por isto que minha mãe, extenuada pelas longas vigílias, foi repousar, a instâncias minhas, foi deitar-

se entre 11 e 12 horas. Pouco depois de meia noite, meu pai, após breve modorra, despertou, se agitou, e lhe faço tomar um cordial que bebe com avidez. Mas passado um instante, murmura com voz débil: «Sinto-me morrer». Eu respondo: «Oh! não, papai... tu estás muito fraco, eis tudo!» Porém êle replicou: «Vai chamar Kate! Chama Kate!» Pedi a uma amiga que comigo velava, ir chamar minha mãe, e meus dois irmãos, que chegaram precipitadamente.

No fogão havia fogo quasi extinto, e o quarto só era iluminado por uma única véla. Êstes últimos detalhes teem sua importância por concorrerem a provar que aquilo que vi, simultaneamente com meu irmão, não era devido à luminosidade no quarto, e menos ainda à nossa imaginação.

Decorridos alguns momentos, se extinguiu e delicadamente depús sua cabeça

no travesseiro. Meu jovem irmão e eu fizemos subitamente a mesma exclamação: «Olhai! Olhai!» Nós dois víamos aparecer, acima da cabeça de nosso pobre pai, um vapor luminoso e vibrante, em forma de globo. Dir-se-ia que sua respiração se havia condensado no ar, e que algo lá havia parado, a bater asas à maneira de um pequeno pássaro acima da gaiola que por muito tempo o tinha aprisionado, para em seguida lançar-se livre, a golpes de asas, através do espaço...

Na segunda noite, estava eu desperta, o coração despedaçado, a alma cheia de pesar, quando de repente tornei a ver, acima de mim, a mesma luminosidade sob forma de globo, em tudo semelhante ao que descrevi, porém maior e mais brilhante... Sentei-me, olhando ao meu redor na obscuridade, ocupada a descobrir algo capaz de produzir o fenômeno — mas em vão...»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizaram no dia 30 de Janeiro último, ás 20 horas, uma sessão comemorativa do décimo aniversário do passamento do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

O salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» ficou à cunha, notando-se muitas pessoas do lado de fóra.

A sessão foi aberta e encerrada pelo nosso companheiro Campêlo.

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», como uma justa homenagem ao seu patrono, fez a admissão no seu quadro social dos neófitos Antonio Trolezi, Marcelina Cruz e Iracema Lopes. O Mentor da Mocidade, nosso companheiro Costa Filho, depois de breves palavras sôbre o ato, ofereceu a cada um dos neófitos, em nome da Mocidade, um exemplar de «O Novo Testamento». A seguir, usou da palavra a neófita srta. Marcelina Cruz.

Ato contínuo, recitaram poesias os seguintes meninos e meninas: El-

virinha Perche Campêlo, Alice Coelho, Jaime Coelho, Cleide Gonçalves e Santo Walter Mariani, e as srts. Iracema Lopes Carvalho e Deolinda Mataveli. A menina Elvirinha Perche Campêlo e o menino Gregorio Menezes caracterizados à portugêsa representaram o esquete — «A Partida».

A seguir falaram sôbre a vida e as obras de Cairbar Schutel, os seguintes juveninos: Prof.^a Isabel Perche, Leonor da Cruz Jorge, Clotilde Ferreira da Cunha, Edo Mariani e Zelia Perche, e os confrades Onofre Batista, Dr. Urbano de Assis Xavier e João Leão Pitta.

Aos presentes, terminada a sessão, foram oferecidos dôces e sanduiches.

Dr. Wilson Ferreira de Mello

Acompanhado do seu primo, Prof. Candido de Oliveira, residente na Capital, deu-nos o prazer de sua visita no dia 1.º dêste mês, o nosso prezado amigo e confrade Dr. Wilson Ferreira de Mello, residente em Barretos.

O Dr. Wilson, que manteve co-

nôsko momentos de agradável palestra, realizou nêsse mesmo dia, às 20 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», perante numeroso auditório, com desenhos elucidativos, uma importante conferência científica sôbre a mediunidade e as faculdades funcionais do perispírito, agradando sobremaneira a assistência, que teve a excelente oportunidade de alargar ainda mais o campo dos seus conhecimentos sôbre os assuntos abordados pelo conferencista.

Gratos pela visita.

A Centelha

Esta nossa distinta colega, que se publica na Capital, sob a competente direção do confrade João Silveira, um dos mais ardorosos propagandistas da Terceira Revelação, ingressou no seu décimo ano de existência no dia 1 de Janeiro último.

«A Centelha», que é um dos bairros da imprensa espírita, fez-se admirada de todos os profíctes espíritas pela sua orientação sadia e pelo seu trabalho perseverante na seára cristã.

Ao prezado confrade João Silveira e seus dedicados auxiliares, as nossas felicitações, com votos de crescente progresso espiritual.

Visita de Confraternização

Em retribuição de visita e afim de assistir a posse da nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem», de Araraquara, seguiu para essa vizinha cidade, no dia 25 de Janeiro último, uma caravana composta de 30 pessoas da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão.

A festividade da posse da nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem» realizou-se na séde do Centro Espírita «Fonte, Luz e Caridade», às 15 horas e terminou às 17,30 horas.

Usaram da palavra os seguintes juveninos e confrades: Edo Mariani, Silvia Rodella, Orlando Ayrton de To-

ledo, Julieta Amaral, Dr. Urbano de Assis Xavier, Antonio Torres, Clotilde da Cunha, Antonio Leite e João Leão Pitta.

Recitaram poesias: Darcy Fattori, «Outra Luz»; Ermelinda Batista, «Nascimento de Jesus»; Arlete Celli, «O pássaro cativo»; o menino Rosendo Batista, «Estou Galante»; Ana Maria Toledo, «Nudez Espiritual»; Neide Chiareti, «Súplica ao Creador da Humanidade»; Neide de Marzo, «A Voz do Espaço»; Olesia de Souza, «Avante, Cristãos Novos»; Gilberto Lopes, «Deixai os Mortos»; Néusa Varella, «Todos somos enfêrmos»; Adolfo Eric Toledo, «Palavras do companheiro», todos de Araraquara. De Matão recitaram poesias as seguintes crianças: Evaní Gonçalves, «O Orfão»; Edna Xavier, «Onde estás?»; Elvira Perche Campêlo, «Esmola do Pobre»; Santo Mariani, «Harmonia»; Iracema Carvalho, «Direitos e Deveres»; Alice Coelho, «O meigo Jesus»; Elvira P. Campêlo e Edna Xavier, um diálogo, e as srts. Elvira Fonseca, «Trilogia da Salvação»; Edna Gonçalves, «A Esperança», e Prof.a Izabel Perche, «Caminho da Perfeição».

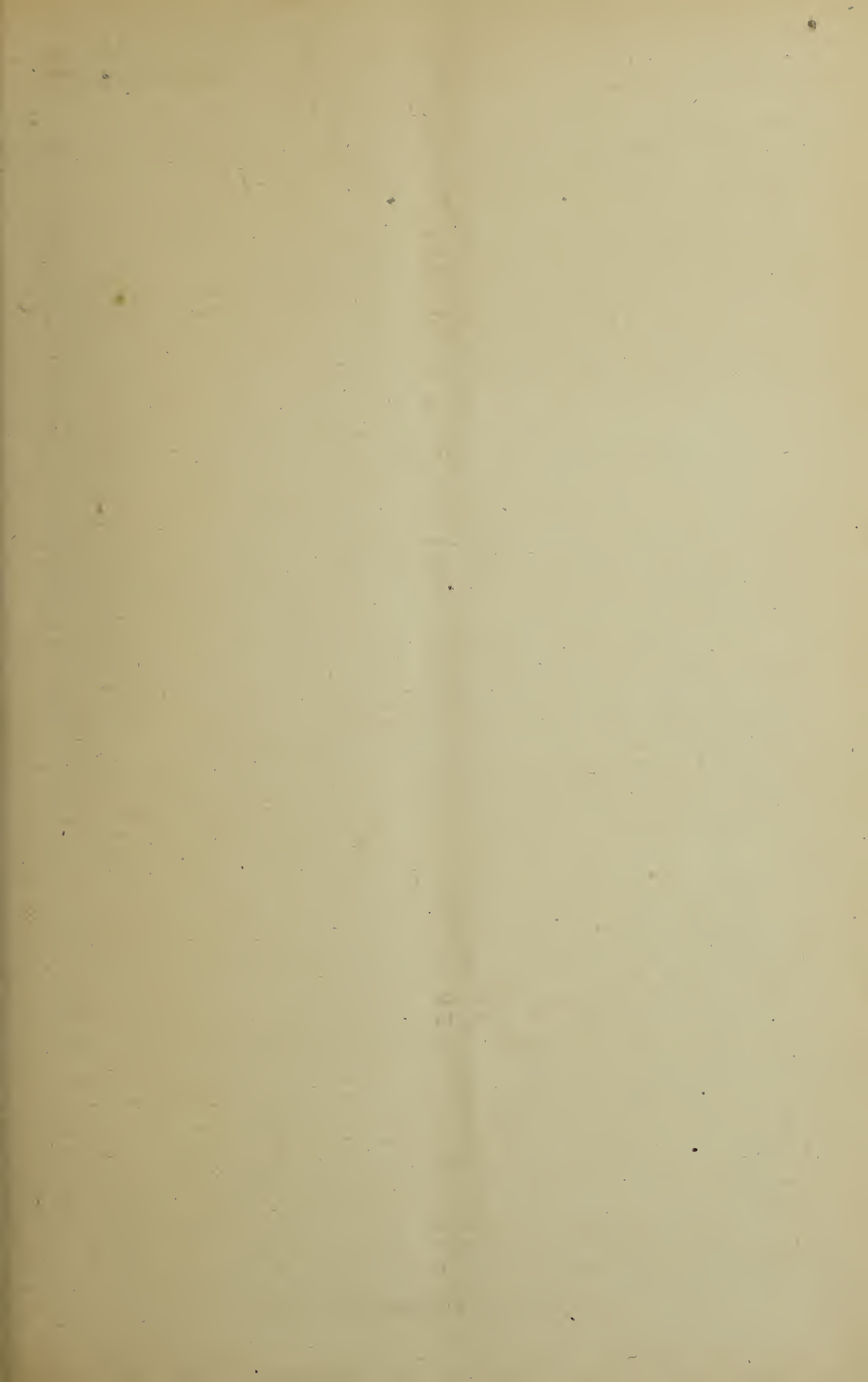
— Foi inaugurado o retrato de Ivan Santos Albuquerque, mentor espiritual da Juventude Espírita «Obreiros do Bem», sendo convidado para descerrar o quadro o Dr. João dos Santos Campos. Sôbre o trabalho e a vida de Ivan Santos Albuquerque falaram diversos confrades.

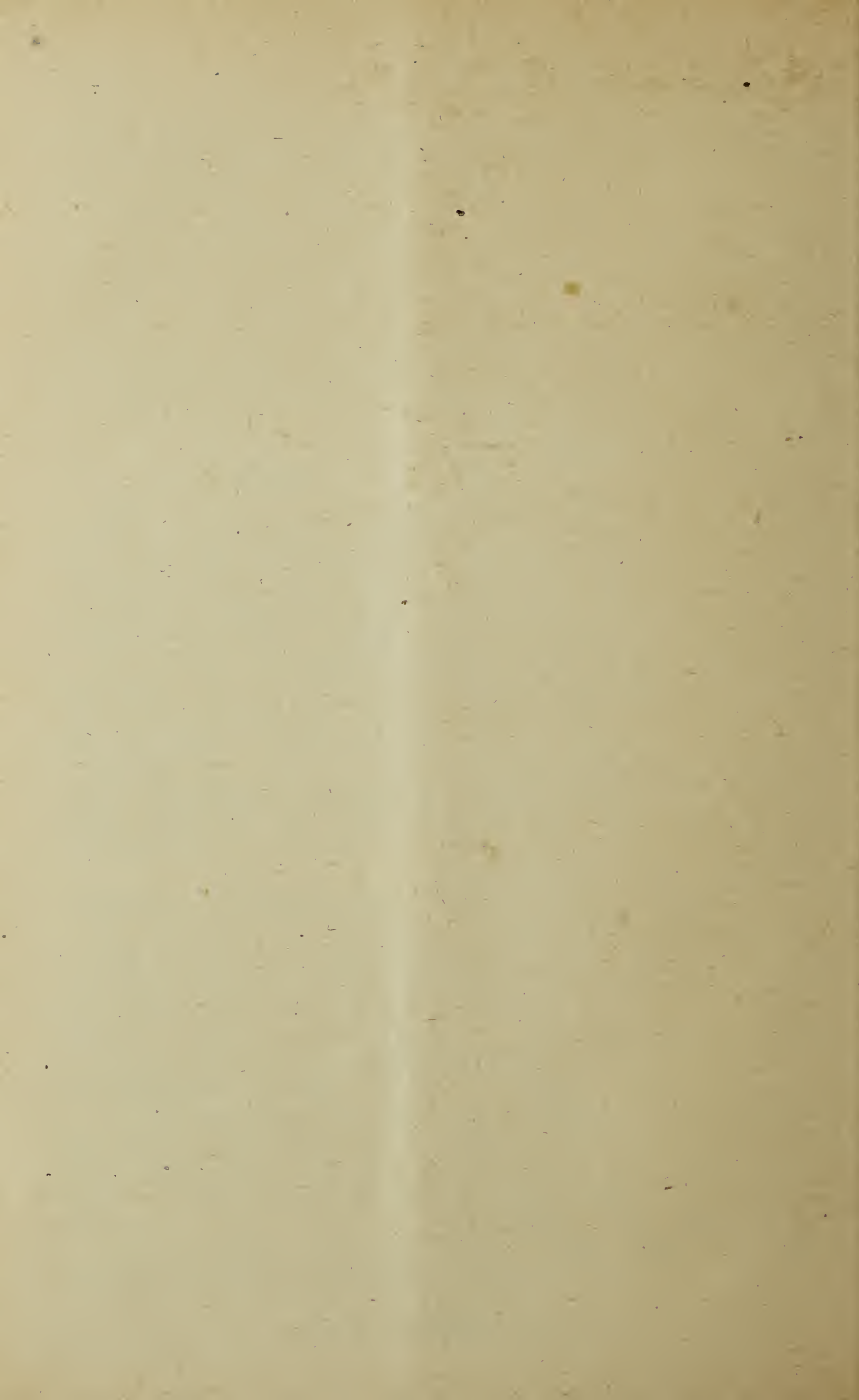
— As preces de abertiura e encerramento dos trabalhos foram proferidas pelos mentores Pedro Jacob Celli e José da Costa Filho, respectivamente.

A seguir, foi oferecida à caravana matonense farta mesa de doces e sanduiches.

— A nova diretoria da Juventude Espírita «Obreiros do Bem» ficou assim constituída: pres. Silvia Rodella; secr. Orlando Ayrton Toledo; tes. Iride Fachini Rodella; Orador, Antonio Leite; bibl. Julieta Amaral; Diretor de propaganda, Israel Dino Napoleão Celli; Mentor, Pedro Jacob Celli; Mentor espiritual, Ivan Santos Albuquerque.







Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

